

A black and white photograph of a bird's nest. The nest is constructed from a dense, intricate web of dry grasses and twigs, creating a textured, cup-like structure. In the center of the nest, several dark, speckled eggs are visible, resting on a bed of dry grass. The background is dark and out of focus, showing some vertical elements that could be tree trunks or branches. The overall mood is natural and serene.

aves
dos
nossos
quintais

ANTÓNIO CAPÃO

AVES

DOS

bibRIA
NOSSOS QUINTAIS

António Capão

bibRIA

Ficha Técnica

Título: As Aves dos Nossos Quintais

Autor: António Capão

Capa: Pedro Capão

Execução Gráfica: Procer - Edições e Comunicação, S.A. - Oliveira do Bairro

Nº da Edição: 1ª Edição

Ano: Agosto 2005

Depósito Legal: 230963/05

ISBN: 972-8675-06-2

Edição da Câmara Municipal de Oliveira do Bairro

AVES

bib**DOS**RIA

NOSSOS QUINTAIS

António Capão



Publicações do Autor

- "Os nomes populares do chapim e da codorniz", sep. da Labor, 1964
- "Dante, apóstolo do catolicismo", sep. da Labor, 1965
- "O folclore religioso em algumas aldeias portuguesas", sep. da Labor, 1967
- "Dr. José Pereira Tavares – Um grande professor do Ensino Liceal – Sua paixão pelo teatro", sep. de "Correio do Vouga", 1977
- "Freguesia da Palhaça – Contribuição para a sua monografia", 1977 (organização e colaboração)
- "Carta de Foral de Vila de Frossos", 1984
- "As Cartas de Foral de Miranda do Corvo", 1989
- "Da Criação, Evolução e Encerramento da Escola do Magistério Primário de Aveiro – 35 anos de labor fecundo", 1989 (organização e colaboração)
- "Carta de Foral de Oliveira do Bairro", 1ª Edição, 1991; 2ª Edição 2001
- "Bodas de Ouro Sacerdotais ao padre Manuel de Oliveira", 1991
- "Relance Histórico - Linguístico sobre a região da Bairrada – Influências arábicas", 1992
- "Relíquias de Tecelagem", 1993
- "A Cultura Popular em Terras de Aveiro", 1993
- "Roteiro Religioso e cultural do Concelho de Oliveira do Bairro", 1998
- "Os Moinhos da nossa Região" – 1ª Edição, 1995; 2ª Edição, 1999
- "Memórias históricas de S. Romão de Vagos" – Edição 2000
- "Oliveira do Bairro – Terra Promissora" – Edição 2000
- "Águeda – Passado, Presente, rumo ao Futuro" – Edição 2001
- "Breve História do Meu País", 2003
- "Estudo de Antroponímia Regional", 2004

Traduções

- "Deixem as Redes e Venham" – de René Voillaume, 1977
- "Despertar para Deus (O Despertar Religioso das Crianças)" – de Danielle Monneron, em parceria com o P.e Dr. José Martins Belinquete, 1986

Nota Justificativa

A poluição do meio ambiente é um dos malefícios do homem sobre a natureza. Mas, apesar do homem ser o principal responsável pela poluição, verificamos que o autor deste livro mais do que buscar uma visão anti progressista, que nos levasse à bondade da carroça, deseja o progresso, mas com a preservação de uma ruralidade saudável.

Fazendo jus a essa saudável ruralidade, o autor identificou e observou cinquenta diferentes aves, nas aldeias do nosso Concelho, dedicando a cada uma delas um magnífico poema em que realça a beleza e descreve o seu *habitat*.

É esta uma prova de que o autor sabe encontrar na natureza «momentos de júbilo, de serenidade e de paz» e, aproveitando o quase encantamento que as aves despertam em si, faz neste livro um apelo à defesa da conservação dessa mesma natureza através da protecção e valorização das aves.

Este livro é, assim, um verdadeiro presente de dignidade não conformista, que oferece a alegria do começar e recomeçar, de quem luta pela vida até que, como diz o autor, «a foice da morte nos ceife e a campã nos queira receber». Visão forte, não cor-de-rosa, mas uma verdadeira exaltação das coisas simples da vida em que o autor acredita.

Com mais este notável estudo “Aves dos Nossos Quintais”, o autor, Dr. António Tavares Simões Capão, irá certamente contribuir para espreitar consciências no sentido de as sensibilizar a um maior respeito pela natureza, tendo também em conta a preservação do *habitat* tradicional das aves.

A Câmara Municipal, ao patrocinar a publicação deste livro, irá fazer a sua distribuição pelas Escolas, na esperança de que todos os jovens tenham oportunidade de o ler e, assim, aprendam a conhecer e respeitar as aves da sua aldeia, verdadeiro tesouro da natureza.

Paços do Concelho de Oliveira do Bairro, Agosto de 2005

O PRESIDENTE DA CÂMARA

Acílio Domingues Gala, Dr.

Atividade

A primeira atividade é um trabalho em grupo sobre a história da cidade de São Paulo, com o objetivo de pesquisar e apresentar as principais características da cidade e sua evolução ao longo do tempo.

Para isso, os alunos deverão pesquisar em fontes confiáveis, como livros, artigos e sites, informações sobre a história da cidade e sua evolução.

Após a pesquisa, os alunos deverão elaborar um trabalho em grupo, apresentando as principais características da cidade e sua evolução.

bibRIA

Este trabalho tem como objetivo principal a pesquisa e a apresentação das principais características da cidade de São Paulo.

Para isso, os alunos deverão pesquisar em fontes confiáveis, como livros, artigos e sites, informações sobre a história da cidade e sua evolução.

Após a pesquisa, os alunos deverão elaborar um trabalho em grupo, apresentando as principais características da cidade e sua evolução.

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso em História, Agosto de 2008
www.biblioteca.org.br
Arquivo Digital de São Paulo

Introdução

É um prazer, a quem como vós vive na aldeia e ama a natureza, abrir a janela do quarto ou a porta da casa e sentir o roçar de uma asa e ouvir os vários cantos das aves numa sinfonia naturalmente completa, porque nela não entrou a mão do homem nem a sua capacidade de orquestração.

O velho rato da aldeia não desmerece a liberdade que se tem comparado com a de seu irmão da cidade, como Sá Miranda não desmereceu os estupendos versos de Horácio Flaco, opondo a felicidade de viver em campo aberto à existência precária e mais difícil da cidade.

Efectivamente, somos partidário das ideias desta tese, em que a vida simples, mais ou menos despreocupada e feliz, é antítese de uma vida acanhada de tertúlias onde impera a discussão nem sempre inocente e onde as intrigas e as invejas não são casos raros. Já não falamos do abandono das actividades rurais, como antigamente, para se procurar à sombra da corte e da nobreza outros meios de subsistência pagos à custa de elevados sacrifícios.

Respirar o ar puro da ruralidade, aspirar os mil aromas espalhados pelo campo, ouvir o chilrear das várias aves, observar os seus movimentos incontidos por aqui e por ali, é viver a simplicidade do dia-a-dia e encher os pulmões de oxigénio para levar a cabo outros projectos de vida que nos são caros.

É certo que a poluição nos mais variados sentidos também por cá nos vai caindo em sorte. Mas ainda há um pequeno paraíso retirado onde podemos observar os diferentes animais, onde as rãs coaxam, as aves continuam a cantar e a fazer os ninhos sem medo e os grilos fazem tocas na relva com uma pequena entrada, que é terreiro muito rapadinho, onde eles fazem estremeecer os seus hélitros, para satisfação do seu instinto e para nosso encanto.

Por aqui vivemos, por aqui queremos continuar a viver até que a foice da morte nos ceife e a campa nos queira receber.

Em Louvor da Natureza

Só quem teve o privilégio de nascer no meio da natureza, de aparecer nela como um minúsculo átomo, de viver nela e dela, de cruzar os seus caminhos e os seus campos, pôde observar as aves e continuar a fazê-lo, preocupando-se com as suas actividades prementes e permanentes. Muitos quase não se apercebem da sua existência nem lhes dão a atenção que merecem, quer pela sua utilidade imediata quer pelo natural ornato que emprestam aos nossos ambientes dando alegria ao nosso inevitável convívio.

Quem vive nos grandes aglomerados populacionais poderá verificar e admirar alguns quadros vivos esporádicos mas nunca terá a possibilidade de abranger um todo ou de, pelo menos, ter a percepção dele.

Certo dia de Primavera, veio até à nossa casa na aldeia um colega professor que se sentiu impressionado pelo canto harmonioso e ininterrupto de uma toutinegrade-cabeça-preta que escolheu um ramo próximo da janela para nos deleitar com as suas árias. O meu amigo, admirado pelo facto, perguntou-me:

- Onde tem a gaiola com esta ave que canta tão bem?

Ao que eu respondi, afirmando:

- Eu não tenho aves em gaiolas. A sua gaiola é totalmente aberta, é todo este conjunto de árvores e arbustos, onde elas pousam e cantam com frequência, familiarmente, sem medo...

E o meu amigo concluiu:

- Na verdade, nunca pensei que, aqui, tão perto de casa, esta ave estivesse em liberdade!

Entendemos que é preciso conhecer mais dilatados ambientes para se poder ver, observar, registar. Por isso, durante muito tempo, ocupando os tempos livres, criámos o hábito salutar de passear pelos campos, com a finalidade única de tudo ver e de tudo registar com muito cuidado. Não era objectivo exclusivo observar as aves. Qualquer animal que aparecesse merecia uma paragem especial e uns momentos atentos para se poder registar o seu comportamento.

Quando os filhos eram juvenzinhos, em férias, costumávamos dar grandes passeios pelos caminhos, através dos campos. Nas bermas, onde vegetavam silvas e arbustos bravios, tudo estava coberto de folhas verdes, de flores, donde, aqui e além se destacavam tufos de pilriteiros que constituíam pousos de horizontes mais alargados e que permitiam, por vezes, a instalação de certos perigos inopinados.

A manhã tinha aquecido, andava no ar o confundido perfume de mil flores.

Foi então que divisámos, à volta de um tufo, um passarinho que esvoaçava, chilreando numa aflição constante, mas que não conseguia libertar-se e fugir dali.

Tendo-me apercebido do drama que se passava, falei então aos meus filhos:

- Reparem naquela felosa que chilreia afitivamente, mas não é capaz de sair daquele lugar e daquele espaço. Vou mostrar-vos o que se passa.

- Mas, estão, por que é que o pássaro não foge? — perguntaram eles.

E eu expliquei:

- Aquela avezita está hipnotizada por uma cobra que está enrolada no cimo do arbusto e, por isso, não pode afastar-se e está em grande sofrimento.

Eu costumava trazer comigo, quando passeava pelo campo, um velho e forte cajado de marmeleiro que pertencera a meu pai. A cobra, pelo seu grande poder de mimetismo, não se distinguia entre a ramagem do arbusto.

Observando a posição do voejar do passarinho, que se aproximava cada vez mais do tufo de verdura, calculei a posição do réptil. Vibrando com força o varapau de alto a baixo sobre o arbusto, assistimos todos ao deslizar, já sem acção, da serpente esverdeada que media, aproximadamente, metro e meio.

O Zé, o Tó e o Joca olharam o animal, soltando interjeições de estupefacção e aproximaram-se dele com curiosidade para o verem bem, logo que o puxei e estendi no caminho.

A avezita, liberta do encantamento hipnótico, desapareceu num ápice.

É curioso termos dado conta nas nossas leituras de que já o grande Leonardo da Vinci, homem que se dedicava ao estudo científico e era grande observador da natureza, nas suas LENDAS, tenha registado este tema, escrevendo uma história sobre este assunto, algo diferente: "A Serpente e os Pássaros". Mas escreveu ainda sobre muitas outras aves, como "O Cisne" (Lendas), "O Grou" (Lendas), "O Íbis" (Lendas), "O Pelicano" (Lendas), "O Pavão" (Lendas), "A Águia" (Fábulas), "A Símia e o Passarinho" (Fábulas), "O Trochilo" in "O Crocodilo e o Icnêumone" (Lendas), " Testamento da Águia" (Lendas) e tantas outras. É claro que o termo *lenda* mantém aí o seu sentido clássico de *legenda*, isto é, registos escritos a partir de factos reais que devem ser lidos para se auferirem certos conhecimentos. E não é menos digno de nota que este notável espírito superior já considerava que *o homem é o destruidor de todas as coisas*.

A natureza que, em sentido geral, nos engloba, nos acaricia como se fosse um ninho e nos alimenta como humanos, parte integrante dela, não nos magoa, antes nos atrai e delicia. Todavia, é nela que encontramos a grande capacidade de interpretarmos explícitas lições que se nos deparam porque ela no-las oferece espontaneamente. Há milhentas tragédias entre os vários seres selvagens que, quando assistimos a elas, nos sentimos sensibilizados porque são sempre os fracos que sucumbem à violência dos fortes, já que a cadeia biológica tem de se manter e de se perpetuar.

Apesar das variadíssimas situações dramáticas a que temos assistido, continuamos a afirmar que é no meio da natureza que o homem pode usufruir de maior

felicidade. Pertencemos-lhe e sentimo-nos atraídos por ela como se fosse um encantamento, no meio da sua mais rica ou menos rica vegetação, mais pujante ou menos, mais afável ou mais inóspita, onde todos os animais silvestres se movem em busca do que precisam para se susterem, agitando-se quase escondidos e como que envergonhados de se mostrarem em toda a sua beleza. Mas cada um é rei no seu ambiente.

Somos defensores naturais e intransigentes dos ambientes que nos rodeiam. O avanço da tecnologia, que arrasta consigo a destruição da floresta, ainda que seja elevada a bandeira do desenvolvimento, não deixa de ser um crime de que serão culpados os grandes entusiastas do progresso que sempre trará o agravamento e a deterioração. Os nossos cursos de água com as suas correntes alimentadoras são como condutas do sangue do grande corpo que é a terra; e, se o sangue que se espalha e é absorvido está doente, o corpo fica debilitado e tende a morrer da sua própria doença.

A natureza permite encontrar condições favoráveis para agradecermos a Deus a nossa vida, para O glorificarmos e bendizermos. Permite-nos também pensarmos nos homens nossos irmãos, questionarmos os nossos comportamentos, meditarmos sobre a vida humana, quando tantos nossos irmãos se digladiam na ânsia e na ambição de atingir o poder e a riqueza.

Não há jardins urbanizados que superem a grandeza e a magnificência dos jardins espontâneos da natureza. Não há bosques artificiais que atinjam a imponência das florestas rurais. Não há lógica nem geometria francesas que ganhem e ultrapassem os bosques e parques ingleses. O deambular ao acaso numa natureza selvagem ou semi-selvagem permite o encontro com milhares de tesouros escondidos, propicia a serenidade do espírito, acalenta as predisposições da alma e abre vastos caminhos para a meditação e o julgamento da nossa passagem sobre a terra, dá lugar à busca permanente do desenrolar de esquemas implícitos na intenção singular de se encontrar a justiça e a paz.

Mesmo daqui até ao mar, em linha recta, vai o lança de tiro de uma seta. E, entre esta região e o mar, há vales que constituem restritos micro-climas. Quando as águas do mar estão agitadas, no Inverno, e as dunas de areia são batidas por ventos agrestes, as aves marinhas recolhem-se por cá em busca de protecção e aquele som, prolongado até ao infinito, mantém-se inalterável no interior da concha dos nossos ouvidos.

Ora, é por aqui que vamos andando, voluntariamente homiziados, fugindo às críticas agressivas dos homens, às suas mentiras, às suas investidas de animosidade e de violência. Muito raramente e com muito cuidado e preocupação de selecção, nos sentimos chamados para convívios humanos heterogéneos. Continuamos a perceber que se louvem palavras bonitas, muitas vezes carregadas de intenções, outras quase

sagradas, que se desagregam em fanatismo infrene, outras que são críticas corrosivas aos bem intencionados e aos simples, até aos velhos que vão perdendo algumas capacidades mas que mantêm o valor do seu exemplo, outras que deixam adivinhar a vontade de uma nova construção humana e religiosa, talvez mais moderna mas não isenta de arbitrariedades e de iniquidades. Tudo isso misturado dá origem a perigosa tisana de hipocrisia capaz de abalar o corpo mais saudável.

bibRIA

Um olhar sentimental para a Natureza e para as nossas Aves

As aves são os seres do reino animal que mais nos impressionam e mais nos encantam.

A partir de uma determinada altura da nossa vida, tivemos ocasião de nos transformarmos de um predador implacável num defensor intransigente; muito antes ainda de se constituírem as associações orientadas para a defesa do ambiente e das espécies cinegéticas.

Foi uma descoberta nossa, esta que resultou de grande actividade na observação da vida desses seres alados que são prestimosos conservadores do equilíbrio biológico da natureza, particularmente no que diz respeito à agricultura.

Podemos afirmar que não foi mero interesse científico que nos atraiu. Mas foi daí que partimos, pois não nos convinha nem era lícito deixarmos de lado a taxonomia que, efectivamente, nos forneceu dados importantes para o seu registo e nos conduziu a uma mais aturada observação no seu próprio *habitat*.

Com o colorido harmónico das variadíssimas plumagens das aves, com os seus cantos específicos, sentimo-nos bem no meio da natureza que não é muda, descolorida nem quieta e que ajuda o nosso espírito a sentir-se feliz e encontrará, à nossa volta, momentos de júbilo, de serenidade e de paz.

Todas elas animam os nossos ambientes, lhes emprestam som, cor e movimento. Há as que planam nos ares: há as que se atiram ao ar como flocos de algodão sacudidos pela brisa, cantando; há as que, mais barulhentas ou menos, vão trepando os troncos das árvores; há aquelas que, modestamente, se embrenham em silêncio no emaranhado dos arbustos; as que, mais vistosas, cantam e dançam nas pernas das mais altas das árvores; as que perseguem, incansavelmente, nos ramos sem folhas, milhares de insectos prejudiciais; as que percorrem, sem descanso, os nossos campos arroteados ou as nossas searas em qualquer período do seu crescimento; há as que se aproximam de nós, das casas, quando sentem que não lhes fazemos mal; há as que, instintivamente, procuram lugares isolados para viverem o seu dia-a-dia como se fossem eremitas.

Pudemos verificar, ao longo dos tempos, que algumas não conseguiram persistir entre nós. Fosse quais fossem as causas do seu desaparecimento, quem alguma vez contactou com elas, por qualquer circunstância especial, teve que reter a sua imagem e que passar a lamentar a sua ausência.

Também no decurso da nossa existência passámos por África. Também apreciámos momentos únicos no meio de florestas selvagens, no meio da savana, no meio das lâguas, nas margens dos rios em época caudalosa ou seca. Assim nos ficaram

impressas na alma imagens de aves que jamais poderão apagar-se. Variadíssimas espécies de fringídeos, de turdídeos, de silvídeos, de passerídeos, de columbídeos, de psitacídeos, de musofágídeos (turaco), lacerótidas (calau), etc. Aves como o bellissimo *cardial*, como a elegantíssima *viúva* de longa cauda preta, o delicadíssimo *pombo-verde*, o formosíssimo *turaco* e o mais urbano tecelão macua, o *nikethe*, espécie de papa-fígos europeu mais pequeno, que pendura os numerosos ninhos das suas colónias nos ramos de grandes árvores como se fossem sacos, com entradas a nível inferior para a própria defesa da prole; todas elas permanecem retidas na nossa memória juntamente com os seus cantos, numa evocação saudosa, de momentos de beleza e de ternura incomparáveis!

Muito escrevemos sobre todas elas e não esquecemos os irrequietos e barulhentos corvos de papo branco que animavam certos recantos das cidades, quando se recolhiam nas ramagens altas das árvores para passarem a noite; nem os bandos de piriqitos médios africanos que, voando no espaço, pareciam pequenos aviões esverdeados de um só motor; nem as centenas de pequenas codornizes que, em certas épocas do ano, entravam na cidade e invadiam as nossas casas, como aconteceu no Velho Testamento, como oferta de carne aos esfomeados israelitas, na sua passagem pelo deserto. E não esquecemos aquelas que, depois de percorrerem muitos quilómetros nas suas migrações, chegadas do sul da Europa, como a *pôpa*, mantinham um elo de ligação ao nosso solo pátrio.

Mas é aqui que estamos agora. Neste território de Portugal e, concretamente, nas aldeias do Concelho de Oliveira do Bairro. É aqui que vivemos e que continuamos a observar, com todo o interesse e com toda a afeição, estes ambientes que são tão nossos e que nos continuam a cativar, pela prodigalidade do movimento, dos tons e dos sons. Cativar é o termo próprio, à maneira de Saint-Exupéry.

Efectivamente, todos os nossos animais, toda a nossa vegetação com as suas mimosas flores que, desabrochando em abundância na primavera, com os seus perfumes silvestres espalhados pela brisa, revelam verdadeiros jardins campesinos – tudo isto constitui um mimo de ternura que nos atrai para o isolamento, nos envolve e nos consola, já que os elementos que formam os espaços por nós escolhidos são uma dádiva sem preço, nos empolgam, atraem e nunca nos magoam, como fazem muitos dos nossos irmãos humanos.

É uma opção que consideramos sagrada porque é propícia à nossa reflexão serena, quando tudo o que nos envolve e faz parte dos sistemas humanos se torna agressivo, contundente, muitíssimas vezes irracional e não pode merecer a nossa estima.

Homiziados, sim, por nossa própria vontade, acolhendo com simplicidade só os irmãos que consideramos verdadeiros amigos, meditando em tudo o que não magoa nem fere a nossa alma. Preferimos o mundo limpo que saiu das mãos de Deus ao

mundo imundo que os homens construíram com os seus esquemas sempre escravizadores. Ser livre é sempre uma utopia – porque o homem, quer queira quer não, é sempre escravo de alguma coisa; e, quanto mais se enreda nos esquemas humanos, mais servidor controlado se torna e mais acorrentado fica aos ideais que não são particularmente seus.

Gostamos de pensar por nós, de decidir por nós, de agir por nós, de escrever por nós e de viver uma vida só nossa no seio de muito amor. Sinceramente cremos que as aves contribuem para este estado de alma. E nós sempre temos procurado dar o possível, sem esperarmos qualquer recompensa.

Lembramos, com devoção e carinho, esse Santo que tudo desprezou em comodidades e bem-estar de ricos e que se tornou um dos mais antigos e talvez o mais sublime dos poetas protectores da natureza, que foi Francisco de Assis. Se não é o patrono da sua defesa, devia sê-lo. No seu bellissimo poema "Cântico do Irmão Sol", o Pobrezinho de Assis chama irmão a todo e qualquer elemento da natureza; e são-no, efectivamente, porque fazem parte intrínseca da magistral arquitectura do nosso Universo. É poético, é enternecedor, chamarmos pelo irmão Sol, pela irmã Lua, pelas irmãs Nuvens, pela irmã Chuva e por irmãs todas as outras Criaturas que o bom Deus quis incluir na perfeição da sua obra da Criação.

É que toda a natureza é um dom divino. Por isso mesmo, o homem, ainda que queira pôr em evidência toda a sua capacidade intellectiva, não pode contribuir para a sua destruição.

Os animais também comunicam entre si

Toda a gente reconhece que os cães, os cavalos e os gatos, entre outros animais, se podem tornar muito sociáveis, vivendo com os seus donos em relações de amizade e de afectividade que causam espanto.

Vários zoólogos têm-se dedicado a realizar experiências com animais, verificando que estes dispõem de processos de comunicação entre si muito especiais.

Em geral, os estudiosos da linguística negam-se a aceitar, nesses códigos de atitudes e de sons uma verdadeira linguagem que atribuem, exclusivamente, ao homem.

Karl von Frisch, investigador da Universidade de Munique, fez e dirigiu estudos interessantíssimos sobre o que chamou a linguagem das abelhas, trabalhos que foram comentados por Émile Benveniste quando este procurou estabelecer as diferenças entre a comunicação animal e a linguagem humana. Parece, no entanto, que, ao examinar-se o comportamento vocal dos carnívoros, quando caçam em grupo, se pode concluir que o processo de comunicação bilateral não será exclusivo do homem.

O francês Philippe Gramet estudou as funções dos sons da voz dos corvos, anunciando a aproximação e o afastamento de certos perigos.

W. H. Thorpe, tomando, como exemplo, o canto do píscio-de-papo-vermelho, afirma que o índice de alternância da altura dos seus cantos, como as suas variações de ritmo, procura não só defender como limitar o seu território. Mas estes factos são também observáveis com o pintassilgo, com o verdelhão, com a carriça, com o tentilhão e, possivelmente, com outras aves, não só para indicarem a limitação do seu espaço mas também em condições de perigo.

Konrad Lorenz demonstrou que várias espécies de aves agem do mesmo modo em circunstâncias idênticas.

A nossa doméstica galinha é um exemplo concreto de emissor de canto de alarme para avisar os seus pintainhos quando avista o perigoso milhafre pairar na altura do céu, em busca da sua presa. Os pintainhos, ao ouvirem o canto especial da mãe protectora, desaparecem como por encanto até ao momento de segurança, em que ela, mudando de tom, os começa a chamar, aparecendo cada um do ponto que escolheu como esconderijo.

....

Certas aves sempre nos causaram admiração pela capacidade que demonstraram em imitar algumas palavras e expressões da linguagem humana. Recordamos que, quando aluno do velho Liceu de Aveiro, havia uma pega domesticada que por ali aparecia à beira do telhado e, olhando para os grupos dos alunos que entravam

1) Extraído do estudo "Esta Terra - Esta Gente - Esta Língua".

e saíam, pronunciava sempre, com nitidez, a palavra Olá! O corvo, conhecido pelo nome de Vicente e que pertencia a Manuel Vicente de Vila Nova da Palhaça, chamava pelo dono, dizendo Manel dá comer e imitava, de madeira incompreensível, os mendigos que, à porta, rezavam a pedir esmola: Nhô – nhô – nhô – nhô. Conhecemos muitos papagaios que pronunciavam frases inteiras. Mas a ave desta espécie que mais nos encantou, foi a catatua do Dr. Victor Mendonça, de Sines, a qual, além de o chamar pelo nome próprio, articulava uma grande quantidade de frases: Bom dia!, Bom dia, catatua!, Bolacha boa, Batata, Doida, doida!, Viva a Académica!, Tá-tá (adeus, em linguagem moçambicana, sempre acompanhado por um gesto de mão); imitava o miar do gato e o ladrar do cão.

As suas palavras e expressões pareciam, algumas vezes, estar relacionadas com o pensamento, porque, de manhã, dizia Bom Dia! e, ao cair da tarde, dizia Boa Noite!. Além disso, quando via os donos pegarem em malas para saírem de casa, amuava, não abria bico. Outras vezes, irritava-se e atirava com a comida para o chão.

Continuamos a compreender que se trata de psitacismos subordinados ao seu crescimento, à sua capacidade de imitação, e inserem-se num conjunto de circunstâncias e atitudes especiais desenvolvidas no convívio entre pessoas, a longo prazo.

bibRIA

A propósito de uma Lenda

A poesia tradicional portuguesa, de cariz popular, é muito rica em temas relacionados com a vida humana. Os vários seres, plantas e animais, entram nos contos populares com uma tal força que ajudam a esclarecer muitas situações personalizadas de carácter psicológico, emocional, social e até religioso, em defesa dos mais fracos.

Parece que os velhos textos em que os animais falavam e davam lições morais aos homens já estão a passar de moda. Hoje, interpretam-se as fraquezas como elementos positivos e quase se condenam as práticas de sã moralidade.

Lembre-se a fábula da Cigarra e da Formiga onde esta passou a ser somítica e ambiciosa e a outra passou a ser louvada por não trabalhar e se divertir, destruindo-se uma simbologia personificativa para se alcançar uma realidade que muitas vezes é só aparente. Isto, todavia, não desvaloriza a fama nem destrói a avaliação, o estilo e as preocupações educacionais dos grandes fabulistas antigos.

Questiona-se a velha moralidade e põem-se em causa os antigos princípios da educação mesmo com a inversão requintada dos considerados valores fundamentais. Apesar de tudo, nem Fedro nem La Fontaine nem Leonardo da Vinci nem Curvo Semedo nem Bocage, entre os da enorme galeria dos fabulistas moralizantes, são diminuídos no seu valor de grandes escritores, senhores de grande capacidade crítica, de um estilo ímpar e de intenções educacionais consideradas válidas.

Vem isto ao caso para falarmos de algumas aves que, de uma maneira simbólica, foram aproveitadas pela tradição popular nas suas lendas sempre apreciadas, porque o povo foi capaz de aliar a sua própria vida à vida de Jesus Cristo, como Menino.

De facto, a Fuga da Sagrada Família para o Egipto agrupa um conjunto de seres, ora como opositores à deslocação dos actantes, ora como adjuvantes: o tremoceiro com os seus tremoços, o chasco ou cartaxo e a codorniz procuraram ajudar os soldados romanos na sua perseguição; o pisco (indeterminado) e a alvéola opõem-se aos seus parceiros, fazendo o que lhes é possível para desviar os soldados do verdadeiro caminho.

A acção da fuga, ou melhor a tentativa de salvar a vida ao Menino Jesus, realiza-se entre dois pontos localizados no espaço – Belém (Judeia) e Heliópolis (Egipto) – distância que exige aos três elementos da Sagrada Família, principais actantes da jornada, incomodidades sem fim, pelo que tiveram que arrostar com agressivas condições climáticas, um esforço desmedido de Maria que acabara de ser mãe e que teve de fazer a viagem montada sobre um jumento com o seu Filho nos braços, as atribuições de uma criança recém-nascida que não recusa os sofrimentos apesar de ser Deus feito homem, e o doloroso palmilhar a pé do Santo Patriarca José, como amparo imediato da Virgem Maria e de Jesus.

Todas essas incomodidades e sacrifícios são transplantados para outros seres da natureza que ora ajudam ora dificultam a marcha dos acontecimentos sempre aureolada de uma bonomia poética que embala o longo caminhar dos três intervenientes divinizados na união familiar.

Nossa Senhora e São José continuavam o seu caminho temendo que alguma coisa de mau acontecesse ao seu Divino Filho. As vagens de tremoceiro, secando ao calor ardente do sol, produziam um som característico ao serem balouçadas pela leve viração, como que denunciando a fuga às más intenções dos soldados enviados por Herodes.

Por outro lado, novo susto fez agitar o coração da Senhora, porque a codorniz lançou o seu grito denunciador: Cá vai. A este grito, o chasco respondeu, anunciando aos soldados: Chás, chás, por aqui bem vás.

O pisco, porém, opondo-se, emitiu do seu poiso o seu grito de alarme em defesa dos inocentes: Pis, pis, pis, para que mestis?

Ajudando o pisco, a alvéola, que seguia as pisadas do burrinho e de São José, muito atarefada deslocando-se de um lado para o outro, agitando a sua cauda de lavadeira, preocupava-se, humilde, em apagar os rastros dos cascos do animal e as pegadas de São José, para que não servissem de indícios da sua passagem, dando certezas aos perseguidores.

Daí que Nossa Senhora, através da interpretação do povo, tenha castigado o tremoço para que nunca matasse a fome a ninguém; à codorniz, condenou-a a voar sempre rente ao chão; ao chasco ou cartaxo para que nunca conseguisse emitir um canto melodioso. Ao pisco louvou-o pela sua vivacidade, pela sua alegria e pela sua solidariedade e à alvéola vaticinou que ela venceria os mais fortes e seria tida, carinhosamente, como galinha de Nossa Senhora.

Resumo da Lenda seguido de um Esquema

Herodes, querendo matar Jesus, enviou os seus soldados para o fazer.

José e Maria procuraram salvar a vida do seu Divino Filho, deslocando-se para longe – é o que costuma chamar-se A Fuga da Sagrada Família para o Egipto.

Saem de Belém de Judá e, suportando uma longa e dolorosa viagem, vão até à cidade de Heliópolis, no Egipto.

A tradição popular anima o percurso, em que a vegetação e as aves tomam parte como intervenientes paralelos, opondo-se uns à viagem, outros apoiando-a. Mais uma vez o bem vence o mal através destes pequenos seres não humanos, uns apoiando a perseguição dos homens de Herodes, outros procurando defender a inocência e a vida da Sagrada Família. É o valor de Jesus Cristo, Salvador, que está em causa e que, pequenino e indefeso como qualquer outra criança, entra no esquema particularmente afectivo dos sentimentos familiares e populares.

A Sagrada Família atinge os seus intentos e os maus são condenados e os bons são louvados e recompensados.

Esquema ideológico da lenda

Ponto de partida: Belém (casa do pão); Judeia

Os soldados de Herodes: perseguidores

Oponentes à fuga: tremoço, codorniz, chasco

Adjuvantes à fuga: pisco, alvéola

A condenação dos opositores

A recompensa dos adjuvantes

A Sagrada Família atinge o fim da caminhada: Heliópolis (Cidade do sol), no Egipto.

Preparação para o Natal

Vamos passando e vencendo os dias que antecedem a grande chegada, como etapas necessárias e rotineiras; chama-se advento, com muita precisão, porque prepara as pessoas para vinda de Alguém que, durante séculos, veio transformando os homens e as sociedades inteiras, modificando o seu modo de estar na vida e a sua filosofia de existência.

O poeta rústico, sempre pronto a encontrar lirismo na realidade quotidiana, abriu de par em par a sua janela que dá para a horta, ainda que os raios de sol não viessem, nessa manhã, alegrar os seus domínios, dando outros tons e outras cores ao limitado horizonte de que desfrutava. Mas, como em qualquer quadro real e concreto, há sempre uma ponta de fio poético pela qual se pode puxar, ele descobriu o grande tema que, outrora, no meio de uma pobreza misturada com muita alegria, inspirou grandemente, maravilhosamente, o grande poeta que foi Francisco de Assis.

»»» «««

Os homens têm, se quiserem, o seu grande tempo de meditação e de reflexão, porque esperam, esperam sempre, a vinda de um Menino que lhes prometeu coisas magníficas, dignas de rei! É precisa a renovação interior, convém remover os pedregulhos e os detritos provocados pelo desgaste da enxurrada da vida do dia-a-dia para que o prometido Emanuel entre no coração de cada um e faça dele um homem novo na fé, na esperança e na caridade.

Por fins de Dezembro, celebra-se esse Natal; e é importante que assim seja; mas muito mais importante é ainda que em todos os dias do ano haja natal em cada um de nós. E, deixando o mesquinho, o aviltante, o degenerado, o corruptível para trás, estaremos no direito caminho para, efectivamente, sermos chamados cristãos.

»»» «««

Assim vai a passarada; esse mundo alado, estranhamente feérico, com que Deus se dignou ornar, de forma caprichosa e surpreendentemente bela, a nossa irmã natureza; irmã, à maneira inspirada do pobrezinho de Assis, por ventura, os seres mais delicadamente formosos com que o bom Deus a quis dotar!

»»» «««

As suas actividades outoniças ou até de inverno, tempo propício ao recolhimento, não são senão a grande preparação para os supremos momentos das suas alegres festas do natal.

Nesse tempo, se estabelece a sua evolução para a idade adulta; se solidificam, com as asperezas climatéricas, os fortes elos instintivos com que, especificamente, para cada caso, hão--de saber tecer seus berços para criarem e alimentarem os filhos. Muitos deles, vindos do ninho na época anterior, pela primeira vez vão estar ligados à poderosa corrente da perpetuação da espécie.

Hão-de alimentar-se convenientemente; hão-de proteger-se das intempéries; hão-de aquilatar a força poderosa da vida para dar novas vidas; hão-de afinar seus cantos à altura e à medida de todas as exigências da mãe-natureza.

Por isso, eles ali andam empenhados em vários trabalhos ao mesmo tempo, sob o olhar afável e compreensivo do poeta. Eles sentem que tempo virá (e não será longínquo) em que serão postos à prova e todos os seus recursos serão visíveis, porque a Primavera traz consigo muitos natais, onde de certo não faltará muita alegria, muita preocupação e também alguns sofrimentos. Sobre tudo isso, será momento próprio de ostentarem as suas capacidades orquestrais com que, além de se deliciarem uns com os outros, encantarão os próprios homens e talvez os outros animais que também por eles se sentirão atraídos.

Outubro, dia cinzento, anunciando a chuva. Pouca claridade ao nascer da manhã.

Os grandes trabalhadores apressam-se a chegar para granjearem o alimento da sua refeição matinal.

Os melros são os mais madrugadores. Embrulhados no seu manto de flanela preta, depois de darem uns tons musicais requintados, tirados da sua flauta amarela, percorrem, nervosos, uns metros quadrados de terra revolvida, agitam-se frenéticos à volta do monte de estrume, dando por vezes umas carreiras tontas à procura do biscoito que levantam do chão molhado com uma rapidez incrível.

Aos estorninhos grazinas, de vida colectivizada, sempre muito activos à procura do cibo, juntam-se os domésticos e endiabrados pardais, inquietos e barulhentos, metidos no seu pequeno hábito de burel; bem fizeram os franceses em lhes chamarem pequenos monges, segundo o significado da sua palavra *moineau*.

A afanosa e elegante alvéola - a popular *arbela* - sempre ocupada em varrer as pegadas da burrinha do Menino-Jesus para o libertar dos seus perseguidores, lá anda numa azáfama constante, embiocada no seu hábito de freira preto e branco, muito mais condizente com a vida religiosa que o da sua irmã boeira, mais gaiata e mais profana com as suas cores da moda: o cinzento - esverdeado e o amarelo.

O piscó, preocupando-se mais com a brincadeira do que com a comida, salta de montículo para montículo, faz ginástica suspenso de qualquer galho seco e impa de vermelho com o seu peito muito saído, a mostrar aos outros, vaidosamente, a sua beleza de papo engalanado.

As felosas, na humildade da sua pequenez amarelo-esverdeada, vão catando, constante e pormenorizadamente, os ramos despídos das árvores para os libertarem dos pequenos insectos incómodos; por vezes, libertando-se dos seus trabalhos, atiram-se ao ar atabalhoadamente, como se fossem pedaços de algodão a voar ao sabor do vento.

A toutinegra, irmã do rouxinol, lança de vez em quando a sua ária jubilosa de freira toucada de negro, para dar ânimo aos grandes trabalhadores alados, afirmando-lhes que nem só de alimento vivem os pássaros.

A débil cança, sempre muito escondida entre a folhagem, muito diligente na sua pequenez de troglodita castanho, lá se esquece uma vez por outra com o seu canto específico a mostrar amplos pulmões, para ajudar a ária da toutinegra.

O nosso cerezino, irmão europeu mais pequeno do canário, raro vem ao chão a comer as sementes das urtigas juntamente com os pintassilgos, preferindo as pernas altas e libertas das árvores, sarrazinando umas notas muito ligadas e compridas, de acordo com a sua alegria permanente.

O pintassilgo, em bandos coloridos, abate-se sobre os mouchões de urtigas em semente e, entre uma suave algarviada de notas musicais, vai mostrando vaidosamente o seu belo fato de rendas multicores com a abertura das asas, no qual se combinam, magistralmente, o verde, o amarelo, o cinzento, o preto e o vermelho; um ou outro, vigiando do alto o trabalho dos companheiros, canta e dança ao mesmo tempo, uma deliciosa melodia.

O *verdelhão*, assim chamado pela sua cor; *carreiril* pelo seu canto onomatopáico e *trinca-pinhão*, pela selecção dos seus alimentos, é uma ave que também gosta dos ramos altos para vigiar os lugares ermos e descer à vontade a procurar o preciso.

O tentilhão ou tintão, hábil tecelão de ninhos camuflados e revestidos de líquenes, semelhantes a pequenos troncos cortados, lança, às vezes, a sua voz lamentosa de baixo a acompanhar a orquestra geral da passerada.

E o tordo ou tordoveia, irmão do melro, mas de roupa verde-amarelada, manchada de pintas escuras na parte inferior, faz coro com a cia por meio da sua nota solitária, a parecer impor silêncio aos outros.

O cagachim, de cobertura azulada e guardanapo preto triangular sobre o peito, activo entre os arbustos, por enquanto anda mudo porque o seu tempo de cantar é o começo da Primavera; às vezes engana-se e lá manda para o ar, extemporaneamente, o seu canto martelado à maneira de ordem de bom mandador:

Semeia milho, semeia milho, semeia milho!
Poda a vinha, poda a vinha, poda a vinha!
Cava a vinha, cava a vinha, cava a vinha!
Semeia linho, semeia linho, semeia linho!

Mas os homens não ouvem ainda o seu recado; estão ainda adormecidos, deixando crescer a erva nas terras entorpecidas pelas grandes chuvas ou pelas geadas que as fustigam asperamente nesta época do ano, para se mostrarem ubérrimas quando o sol as começar a aquecer e a fecundar.

»»» «««

O poeta sonhou, apoiado na sua janela, olhando a sua horta, numa manhã cinzenta de Outono. Momentos de meditação, de reflexão e de paz, que o levaram de novo a pensar naquele Natal de Jesus que se veio perpetuando ao longo dos séculos, até chegar até nós... trazendo-nos sempre a luminosa mensagem da esperança de renovação e de um mundo novo cada vez melhor.

bibRIA

A dança dos ABIBES

Oróhibis (*Varela viranelus* L.)

Chegam fugando em voos argúlosos
Tal como janelas abertas no vento,
Vêmula bruta e de figura desumana,
Desce até ao chão a parir e a criar.

Não podes vê-los aqui, em voos silenciosos,
Passado em janelas e em portas fechadas,
Com um vulto pouco fugaz e tímido,
De olhar sempre azulado e cáscara.

POEMAS

Nada se passa em tão silêncio
Receitas imitadoras de outras espécies,
Foi por ti mesmo do teu nome
Move-se a leve do vento.

SOBRE AS AVES

bibRIA

(Estão registadas 50 aves)

Em dança leve, o seu corpo alado,
Desce e a brincar com todo o mundo,
Surgem as chamas da dança imitadora,
Na grade branca de uma abertura.

Não se vê
Sobre o chão



POEMAS

POEMAS

SOBRE AS AVES

bibRIA

(título registrado 30 aves)

A dança dos ABIBES

O Abibe (*Vanellus vanellus* L.)

Chegaram fugindo em voos angulares
Tal como setas cravadas no espaço;
Vêm da bruma e do rigor dos mares,
Descem do céu aliviando o cansaço.

Nos prados sem água, em ervas brilhantes,
Poisando em bandos na área escolhida,
Dançam abibes passos fulgurantes
De olhar sempre atento e cabeça erguida.

Radar de penas em tufo elevado
Recolhe impressões do mundo envolvente;
E o perfil esguio do seu corpo alado
Move-se à tona do campo fremente.

Seus pios mimosos eu quero entender,
De baixas plantas na manhã gelada,
Na moleza fria do anoitecer,
No gozo íntimo da noite velada...

Em danças loucas, o seu corpo airoso,
De verde e branco com asas abertas,
Sacode as ervas do campo mimoso,
Na geada branca de linho cobertas.

Palhaça, 26/XII/98
António Capão



A Alvéola (Motacilla alba L.) (1)

A alvéola elegante,
Em correrias sem fim,
Não sossega um só instante
Nos passeios do jardim.

Como uma freira vestida
De hábito preto e branco,
É sinal de santa vida
A tapar qualquer barranco.

A tradição faz-nos crer
Que as pegadas do burrinho
Apagadas devem ser
Na poeira do caminho.

A cauda sempre agitada
No cuidado da limpeza
Tem acção organizada
A salvar a realeza

E os soldados romanos,
Do caminho desviados,
Mostram bem que são humanos
A ser assim enganados.



(1) Ver a "Explicação de uma lenda"

A andorinha-das-chaminés ou andorinha-dos-beirais

(Delichon urbica L.)

Na primavera é que vem
alegrar o ambiente;
No seu constante vaivém,
Ela está sempre presente.

Traz a lama da ribeira
Para fazer os seus ninhos
E não sabe outra maneira
De guardar os seus filhinhos.

Sob os beirais do telhado,
Onde os filhos vão crescer,
Há motivo detalhado
Da razão do seu viver.

Mil abelhas já truncadas
A servir de refeição
Vê-se que estão retalhadas,
Espalhadas pelo chão.

Vai no fim a estação,
Chilreiam as andorinhas
Preparando a migração
Como outras avezinhas.



A andorinha rústica (Hirundo rústica L.)

Mais bela que a sua irmã,
Mais elegante e fagueira,
Parece mais folgazã,
Mais alegre e mais ligeira.

Babete em seda encarnada,
Num azul metalizado,
Toda ela é bem lançada
Pela torquez do seu rabo.

O seu ninho é diferente
Do da irmã da ribeira
E não será menos quente
A guardar ninhada inteira.

Dos insectos, caçadora,
Que apanha no ar, voando,
É amante protectora
Dos filhos que vai criando.

bibRIA



A boieira (Motacilla flava L.)

Frescalhona lavandeira,
Irmã próxima da arvela,
Tem por hábito a boieira
Trabalhos de cinderela.

Sempre muito alvoroçada
À procura dos bichitos,
A sua capa dourada
Não serve senão aos ricos.

Mais rica que sua irmã,
Do que ela muito mais nobre,
Faz dela simples aldeã
Vestida muito mais pobre.

Distingue-a o seu afa
E seus cantos bem alegres;
A alegria nunca é vã
Na pobreza dos casebres.

Companheira da boiada,
Donde seu nome lhe vem,
Agita-se entre a manada
Porque ela medo não tem.



A Calhandra (Menalocorypha calandra)

A calhandra quando canta
Tem uma voz virginal;
Como é vulgar, nada espanta
Na sua vida, afinal.

Como as outras irmãs,
Ama toda a pradaria;
Gosta mais das terras chãs
Do que verde ramaria.

A calhandra é frequente
Nas hortas e nos quintais;
É tímida, nada sente
da fúria dos vendavais.

Anima o nosso ambiente
Com seu voo e o seu canto;
É uma ave resistente
E daí o nosso espanto.

bibRIA



A Carriça (Troglodytes troglodytes L.)

Meu pequeno passarinho
Ó minha carriça amada,
Macia como o arminho
Em Primavera enflorada.

Troglodita do amor
É maravilha o teu ninho
Tem entrada de louvor;
Buraco muito estreitinho!

És um benquistado brinquedo
De respeito e afeição;
Tu sentes o frio e medo
Quando estás na nossa mão.

O teu rabinho espetado
E a cor azul dos teus olhos
São conjunto delicado
De uma flor entre abrolhos

O teu canto é alegria
Entre o verde do pomar
E a cada hora do dia
Dá motivo p'ra cuidar.

ibRIA



O Cartaxo (*Saxicola torquata*) (1)

De moita em moita esvoaça,
Nossos passos acompanha;
É quase como chalaça
Na veredas da montanha.

Toda a cor das suas penas
Em pintura escurecida
Torna as sendas mais amenas
Na duras lutas da vida.

Também se sente traidor
Na fuga do Bom Jesus;
Na lenda, denunciador,
Pouco ou nada nos seduz.

Magia tem o seu canto,
O chasco é bom palrador;
Por isso lhe foge o encanto
Na denúncia do Senhor.

bibRIA



(1) Ver a "Explicação de uma lenda"

A Cegonha branca (Ciconia ciconia L.)

Aí vai Dona Cegonha
A passos muito pensados,
Parece que tem vergonha
Dos passeios mesurados.

No céu, rainha dos ventos,
Ou preta ou branca de cor,
Desce aos charcos lamacentos,
Território a seu favor.

O seu lindo e enorme bico
De bela cor encarnada
Dá a impressão com que fico
De ser tão bem comportada.

Há gente que não entende
Esta ave inofensiva
E é por isso que se rende
A tirar-lhe a sua vida.

Nas histórias infantis
Onde o mito se abalança,
A cegonha de Paris
Traz no bico uma criança.



O Cerezino (*Carduelis serinus* / *Serinus* / ou *Serinus serinus* L.) (1)

O ceresino
é ave, encantadora;
Jovial,
Muito ladino,
Cedo bebe a luz da aurora
Nos arbustos do quintal.

Canta e dança
Ao mesmo tempo
Em qualquer ramo poitado.
O seu canto é esperança,
animado pelo alento
do seu viver em cuidado.

Do seu irmão cardelino
Tem o dom da ballação;
Quando canta, sarrasina
Uma voz que não tem par
E avalia o seu destino
Pelos dotes do coração.

A natureza que anima
sentimentais emoções
às criaturas dá vida
em diferentes condições,
no essencial repetida
através das gerações.

Cerezino, meu amigo,
No verde tens esperança;
Na mistura do dourado,
A riqueza que se alcança
Na paz do sono magoado
Como choro de criança.



(1) Ver a "Preparação do Natal"

O Chapim (Parus major L.) (1)

Alegre mandador dos nossos prados,
De linda cor de penas revestido,
Relembra os trabalhos animados
Pelo seu canto sempre repetido.

O chapim é ave de eleição
A animar as fainas campesinas,
É como borda d'água sempre à mão
Nas suas árias quase sibilinas.

Ninguém pode esquecer as suas cores,
Quem poderá esquecer seu canto ameno?
É um amor delicado entre os amores,
É arauto de vida bem sereno.

Ele se diverte a catar ramadas,
Ou qualquer ramo seco do pomar;
O seu pouso seguro nas perradas
Dá-lhe sempre motivo p'ra cantar.



(1) Anexos 5, 4 e 6

A Cia (Emberiza cirulus ou Emberiza cia)

O próprio nome lhe dá o seu canto
Isolado no tutor da videira;
Entre os dos outros, não perde o encanto
Nem esconde o amor da sua cegueira.

O seu ninho, na cepa verdejante,
Mostra, sempre à espera, bicos abertos,
Porque a mãe, no seu cuidado de amante,
Vem matar a fome aos filhos desbertos.

Entre tais tarefas de agitação,
Pára um pouco a cuidar de si mesmo;
Dilui o canto do seu coração,
Abandona o ritmo, nada faz a esmo.

E quando os filhos já estão criados,
Como mãe atenta os vai ensinando,
Um momento só não são descuidados
E os integra no seu próprio bando.



A Codorniz (Coturnix coturnix L.) (1)

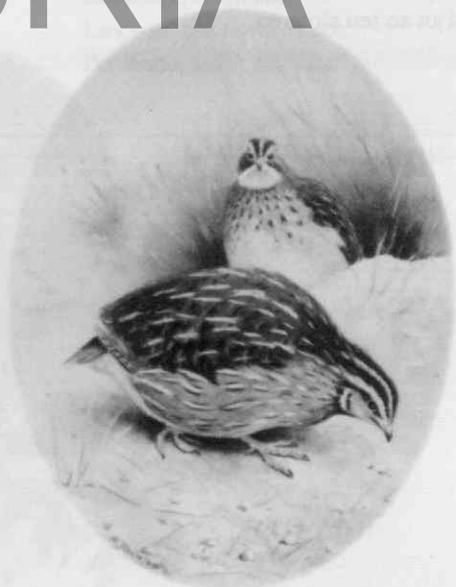
A codorniz palradora
Em voo certo e constante
Mostra bem que é sedutora
E não pára um só instante.

Eterna denunciadora
do caminho a percorrer,
Tem tenção provocadora
De todos fazer morrer.

Montados no seu burrito
O Menino e sua Mãe
Abalaram para o Egipto
A salvar o maior bem.

São José com seu bordão,
Atento a toda a canseira,
Guardava em seu coração
A denúncia chocalheira.

bibRIA



(1) Anexo 5

A Coruja das torres (*Strix flammea* L. ou *Tyto alba*) (1)

Tem linda cara de gato
Em forma de coração;
Não é fácil o seu trato
No meio da escuridão.

A sua vida de noite
E o seu voo sem ruído
Lhe permitem que se afoite
a causar algum perigo.

Sua cor enganadora
E nos olhos brilho intenso,
Esta ave predadora
Leva aos outros medo imenso.

Ataca sem ser sentida,
Sem se ver, nesse momento,
E a sua voz repetida
Dá jus ao seu alimento.

bibRIA



(1) Anexo I

O Corvo (Corvus corax) e a gralha (Corvus corone L.)

Com a plumagem brilhante
E com o preto azulado,
Tem uma voz crocitante
E o bico sempre afiado.

Em busca de altos pousos
Para passar bem a noite
Crocita como em agouros
A ralhar com quem se afoite.

Muitas palavras decora
E profere-as sem razão
Aos pobres que estão de fora,
Imita a sua oração

O rasto jamais se vê
Dessas peças escondidas;
É produto com que crê
Matar fomes atrevidas

O corvo vem até nós
Nos dias enovoados
Rouba tudo quanto brilha,
Por mistérios ensombrados

Quando vive em nossa casa,
Toma o nome de vicente,
Dá-nos a ponta da asa
Em posição reverente

Rouba tudo quanto brilha,
Seja latão, prata ou ouro,
Tudo quanto ele vê, pilha
E enterra como um tesouro

Se num tanque vê, na água,
Sua imagem repetida,
Lança-se, por nossa mágoa,
Perdendo, assim, sua vida.



A Cotovia-de-popa (*Galerida cristata* ou *Lullula arborea* L.)

Quando se retoma a vida
Logo ao despontar do dia,
Recomeça a sua vida
a perspicaz cotovia.

Até às nuvens subindo
outras aves acordando
A ninguém deixa dormindo
E pelos céus vai cantando.

Por todo o campo a alegria
Que sempre espalha a cantar,
É anúncio em cada dia
De outra luz que vem brilhar.

Minha aurora cotovia,
Minha luz, meu sol nascente,
És poema, nesta via,
De um amor sempre presente.

És mensageira da luz
Pelas quebradas do monte,
És brilho que nos seduz
Na fresca água da fonte



O Cuco (Cuculus canorus L.)

Com seu canto anunciador
de Primavera florida,
não deixa de ser traidor
e destroçar muita vida.

O cuco é um preguiçoso,
Só canta e nunca trabalha.
É como homem ocioso
Que ao seu dever sempre falha.

Em qualquer ninho pequeno
De outra ave mais mimosa
Faz a postura, sereno,
De ave licenciosa.

Delicado passante,
Para o monstro alimentar,
Não chega o pequeno bico
De cansado a procurar.

Nas histórias de casados,
Sinal de infidelidade;
E, se for de namorados,
Nunca responde a verdade.



O Estorninho malhado (*Sturnus vulgaris* L.)

Em grandes bandos alando nos céus
Como nuvem escura que se agita,
Ao campo desce por interesses seus
Grazinando sempre como alma aflita.

Baga lhe serve, cereja, azeitona,
A satisfazer sua ânsia voraz;
Tudo vai matar sua fome glutona,
Perto das casas desejos desfaz.

Metálico azul e bico amarelo,
De plumas brilhantes e olhar bem vivo,
É ave arisca, de pouco desvelo,
Por qualquer desejo ou qualquer motivo.

Se acaso o prende uma ratoeira
E não se liberta por boa razão,
Todos grazinam numa chinfrineira
A ver se o livram dessa confusão.



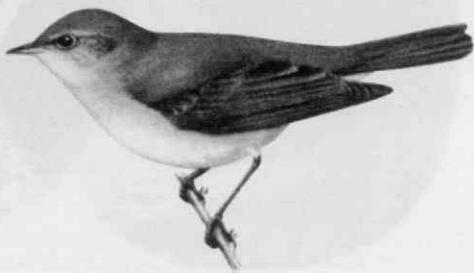
A Felosa dos jardins (Sylvia borin)

Activas catadeiras do jardim,
As felosas não páram um momento,
Buscam a par e passo o alimento
Em lides que parecem não ter fim.

Seu canto monótono de prazer
Que vão emitindo alegremente
É um lirismo puro que se sente,
É poema delicado 'inda a fazer.

Parece que andam brincando
No seu trabalho ocupadas,
Tão livres, tão descansadas,
Que os raminhos vão limpando.

Tão libertas, tão pequenas,
Que não temem predadores,
'Inda assim medem favores
Com melodias serenas.



O Gaio (Garrulus glandarius L.)

Não deixou de ter rudeza
no seu canto e, na plumagem,
andou bem a natureza
a preparar a listagem.

Combinação colorida
lhe dá aspecto feliz;
Sua voz enrouquecida
lhe dá o tom que Deus quis.

Se procura alguma baga
com que possa alimentar-se,
desce ao pomar onde afaga
a fome de descuidar-se.

Também é um predador
de pequenos animais;
Satisfaz, sem sentir dor,
Os seus instintos fatais.

bibRIA



A galinhola (*Scolopax rusticola*)

É maior, mas parente da narceja;
seu bico em charco se torna sensível,
corpo na erva com ela verdeja
e vê-la de pronto é quase impossível.

Seu mimetismo torna-se notável,
por entre árvores se escapa ligeira;
água parada se torna agradável
e assim permite uma fuga rasteira.

Como uma seta, vêmo-la descer
em pequenos charcos entre pinhais;
a partir de então deixamos de a ver,
não canta, não mexe, não a vemos mais.

Se os cães ao acaso farejam, ladinos,
e vão pressentindo a sua presença,
em ares da manhã, geados e finos,
vão escrevendo sua dura sentença.



A Garça branca pequena (*Egretta garzetta*)

E Garça – boieira (*Bubuleus íbis*)

Também desce aos nossos prados
A procurar alimento,
Como farrapos nevados
Vindos ao sabor do vento.

A garça é bem acolhida
das nossas populações:
outros pedaços de vida
a cumular emoções.

Anima a sua brancura
A erva verde empapada
E encontra na frescura
Os insectos da boiada.

Uma ou outra enfim descansa,
Suspensa numa só pata,
Descobrimdo na lembrança
Fios de chuva e de prata.



A Landrisca (Anthus spinoletta)

A landrisca tem reserva
E foge ao calor do Verão,
Prefere o frescor da erva
A fugir à tentação.

Protege-a o tempo frio,
Sempre na erva metida.
Nunca se vê no Estio
E anda de verde vestida.

Está sempre acompanhada
Em bandos mesmo pelo chão
Não tem vida atribulada
Pelo valor que lhe dão.

Tem um canto repetido
Quando levanta do prado;
O seu som é conhecido
E parece atribulado.



A Laverca (Alauda arvensis L.)

E Garça - boieira (Subolus ibis)

A laverca canta e voa
Parece que aos empurrões;
Quando o vento a atordoa
Não revela confusões.

Vivem ao sabor do vento.

Em terra, sempre segura,
No ar, tem oscilações;
É sistema que perdura
Nas suas deslocações.

Entre os campos.

A laverca e a cotovia
Impressas no azul dos céus,
São louvores na luz do dia
Com os seus cantos a Deus.

Os campos são barão.

Espalham, pois, a alegria
Entre os homens ocupados;
Farrapinhos em folia
entre o azul, estampados

BIBLIA



O melro (Turdus merula L.)

E logo ao romper do dia,
já com os filhos criados,
outra fonte de alegria
está livre de cuidados.

Estendendo a sua pauta
no cimo de uma palmeira,
afinando sua flauta,
o melro toca em primeira.

Com a sua capa preta
e a sua flauta amarela,
esta ave nada se inquieta
na confusão da querela.

As suas modulações
vestidas de azul e oiro
são como saudações
de um esbanjado tesouro.

Tirando as cores da manhã
de uma paleta doirada,
o azul não é cor vã
a animar a madrugada.

Bebeu o azul e o oiro
na frescura da alvorada
e seu canto, bom agoiro,
dilu-se n'alva inflamada.

E à noitinha, antes da treva,
já do seu poiso bem perto,
o seu canto me enleva
e mantém-me bem desperto.



O Milhafre (*Milvus milvus* L.)

É predador por excelência
Entre as aves do quintal;
Para prover a existência,
Não deixa de fazer mal.

Coitados dos pintaínhos
Se sua mãe o não vir,
Pois lhes faltam sinaizinhos
Que logo os põe a fugir.

Se por acaso se lança
Nos poisos ao sol poente,
Toda a geração se alcança
Em união, de repente.

Todas as aves unindo-se
Em bando que não tem cabo,
Com os seus pios, ouvindo-se,
vão afastar o malvado.



O Mocho (Athene noctua L.)

Seu ar grave de mistério sabido
Vindo de longe através dos tempos
Símbolo do saber apetecido
É ave de frenéticos lamentos.

Antro da bruxa ou templo de Atena,
Poisado, quieto, à sombra num vão,
Olhos brilhando na mansão serena
Dão azo à alquimia da superstição.

Mas quando o seu corpo a fome desperta
E a noite é propícia aos voos sagrados,
Força de sangue seu corpo liberta,
Caçando insectos em campos lavrados.

Voltando ao poiso nas horas da luz,
Buscando a sombra ao raiar do dia,
É a penumbra que mais o seduz
E o torna exemplo de sabedona.

biblioteca



A Narceja (Gallinago gallinago L.)

Ao luzir da manhã, na luz serena,
Na erva escondida, não há quem a veja;
Desceu como um raio, na aragem amena,
Ansiando o fresco a tímida narceja.

Fundida na cor das ervas rasteiras,
Espetando o bico em lama do vale,
Foge da vista, nas résteas primeiras,
Não há outra ave que a iguale.

Passando o terreno audaz caçador,
Atento aos ruídos que animal escave,
Sem contar desperta do seu torpor,
Quando a ave se eleva em zigue-zague.

Mas ela lá vai pelos céus além,
Liberta de um perigo antecipado,
A procurar frescura, um outro bem,
Sempre atraente, sempre desejado.

LIBRERIA



O Noitibó (Caprimulgus europaeus)

Unido ao chão durante a luz do dia,
Fundindo-se na terra onde está alapado,
De ar bisonho, não mostra simpatia,
Calor permite estar acordado.

Só levanta voo ao anoitecer,
Ao lusco-fusco procura alimento;
É raro deixar-se reconhecer
Antes que voe a procurar sustento.

Seus olhos brilham, poisado no chão,
Nos céus parece veloz andorinha,
Foge da luz e da escuridão,
Noite é espaço quando se avizinha.

Interessa-lhe mais o campo aberto
Onde cai um céu sem luz a raiar;
Não é fogo-fátuo nem é desconcerto
Vê-lo, nos ares, insectos caçar.

blóRIA



O Papa-figos (Oriolus oriolus ou oriolus galbula L.)

De ouro e preto vestido,
Da mata nas copas altas,
és presente sempre vivo
e por aí nunca faltas.

O teu canto denuncia,
nas alturas, tua vida;
És portador de alegria
e disso ninguém duvida.

De manto áureo coberto
Dás mais luz ao ambiente
Que, nas alturas desperto,
sempre se mostra ridente.

Respiro sempre bom ar
ao ouvir teu longo canto;
Fico sempre a versejar
Na vivência deste encanto.

bibRIA



O Papa-moscas-preto (Muscicapa hypoleuca)

Poisa aqui, poisa acolá,
Em qualquer pau espetado
É nunca um gesto fará
Que não seja arrebitado.

Sempre alegre na procura
de seu biscato atraente,
nas suas lides dá cura
à fome do que mais sente.

Poisa em galho, poisa em terra,
sempre muito alvorotado,
não deixa de fazer guerra
ao biscato desejado.

São simples as suas cores
manchadas de preto e branco;
Não tem o brilho das flores,
o seu tom é leve e franco.

bibRIA



O Pardal (*Passer domesticus* e *passer montanus* L.)

Vive connosco, chilreia,
Entra dentro em nossas casas;
Por haver tantos chateia,
Há sempre o seu bater de asas.

É pássaro familiar
de feitiço envinagrado,
com ele podemos contar...
É o pardal do telhado.

Em brigas com seus parentes,
O seu canto é rezingão;
Pega em todas as sementes,
Também vem comer à mão.

Quando desce sobre o trigo,
Aos garotos dá trabalho,
De tudo se mostra amigo,
Poisa em cima do espantalho.

bibRIA



A Pega (Pica pica L.)

A pega é clássica palradora
Como as mulheres gregas da fonte;
Tem a imagem protectora
Que habita de monte em monte.

Desce também aos quintais
das gentes do povoado,
sobretudo se os favais
já cresceram no cavado.

A pega nunca se cala,
Dá logo sinal de si;
Se sente perigo, abala,
mas depressa volta ali.

O seu canto é arrastado,
Também aprende a falar;
Na espessura do montado,
Aí, deixai-a falar...



A perdiz (*Alectoris rufa*)

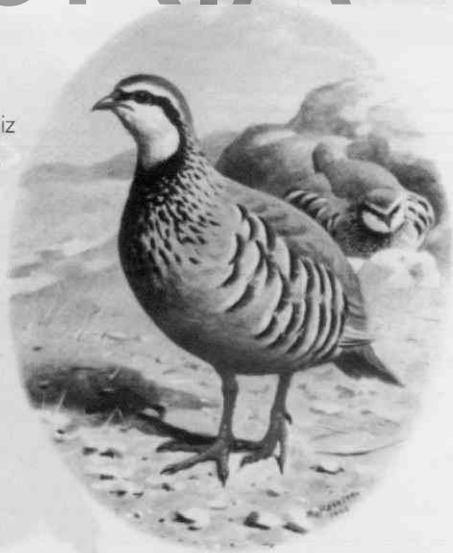
Elas se passeiam pelas encostas
entre as cepas de folhas amarelas;
as résteas do sol nos dão amostras
porque o quentinho da poeira é delas.

O seu canto revela a ligação
a outro bando bem longe aconchegado;
do caçador astuto, a imitação
procura ter o bando controlado.

Como vigia um velho perdigão
em momento de angústia bem treinado,
sente aproximar-se a maldição,
qualquer tiro veloz já esperado.

Sua cor, de vermelho matizado,
desloca-se no chão antes de voar;
quando se pensa que o bando 'stá parado,
já ele, bem liberto, está no ar.

Boa peça de caça, qualquer perdiz
tem o condão de agitar a asa;
quando se abate uma, também se diz
que é bela refeição, assada em casa.



O Pica-pau-verde (Gecinus viridis L.)

Bem preparado, de bico duríssimo,
Coberto de verde e grande cabeça,
Também vem catar o tronco velhíssimo
de outro arbusto que bom lhe pareça.

Da selva afastada, ele vem vaguear
até às casas do meu povoado;
Também faz visita a qualquer pomar,
Velhas fruteiras que tenha sonhado.

Cumpre a tarefa de afastado elo
Sob cascas secas dum tronco qualquer;
Vem bem provido de escopro e martelo,
Procura bichos que o façam viver.

Seu verde é esperança de vida sã,
O som que produz nos faz alegrar;
São raios de sol em clara manhã,
Anunciando o dia que vai chegar.



O Pica-peixe (*Alcedo ispida* L. ou *alcedo atthis*)

À beira da água, num poiso vulgar,
Mirando algum peixe que ali vai nadando,
Esta ave bonita, espectacular,
Mergulha profundo, seu bico apertando.

Sua cor brilhante, luzindo ao sol,
Tem traços de tinta em tons de metal;
O peixe se agita como um corpo mole,
Tentando fugir à prensa brutal.

Completa-se assim o ciclo da vida,
Revitalizando a força da ave.
E o pescador, na água mexida,
Espera de novo na manhã suave.

Teu corpo me anima, ó bom guarda-rios,
Na manhã serena de sol a aquecer,
E a brisa do mar que traz ventos frios
Revolve o campo e o faz tremer.

biblioteca



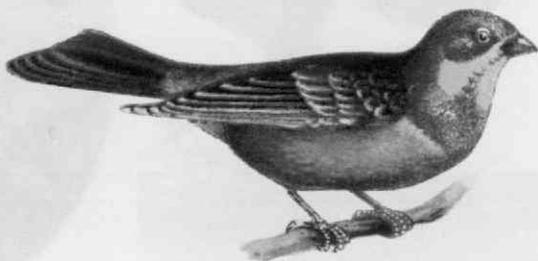
O Pintarroxo (Emberiza hortulana L.)

Bando ruidoso, nas leiras da vinha,
Bordando de roxo as agramas da aldeia,
Procura sementes, na terra vizinha,
Catando os grãos na palha centeia.

Ave elegante, de cor definida,
Não se aproxima da povoação;
Rumo traçado na linha da vida,
Tem vida liberta em nobre condão.

Alegria o campo com seu canto e cor,
Do dia estival, nas tardes serenas;
Debica as ervas com todo o vigor
Ao descer do sol nas horas amenas.

Procura o poiso no dia cansado,
Bem protegido na densa ramagem;
Manhã seguinte, de novo animado,
Se lança no espaço, ao sabor da aragem.



O Pintassilgo (Carduelis carduelis L.) (1)

O manto do pássaro dançarino
É junção de cores assetinadas;
Alia-se aos tons seu canto fino,
Expressivo nas árias animadas.

Amarelo, cor d' oiros derretidos,
Vermelho vivo opondo-se ao preto,
São como que farrapos bem cerzidos
De velho pergaminho em tom discreto.

Amarelo é cor do sol em explosão,
Vermelho é cor de sangue em muita dor,
Branco e rosa amenizam colorido.

O conjunto expressa a contenção
Deste ser alegre, sonhador,
E pintassilgo é seu nome vivo.

bibRIA



(1) Anexo 2

O Pisco-de-papo-azul

(Luscinia /cyanosylvia / sveciça ou Cyanecula cyanecula Wolf.)

A beira do aboboral,
Nas leiras do milho verde,
Deixas brilhar teu bragal
Num azul que não se perde.

Teu peito, seda brilhante,
E de amarelo bordado,
Torna-te ave fulgurante
A vaguear no montado.

A impressão que nos deste
No tempo que então vivi
Permanece em tom celeste
Nos poemas que escrevi.

Meu pisco-de-papo-azul,
De cauda preta e vermelha,
Vens do norte para o sul
E nada a ti se assemelha.



O Pisco-de-papo-vermelho (*Erithacus rubecula* L.) (1)

Pisco-de-papo-vermelho,
Ó meu pisco caseirinho,
És já um amigo velho
Pois sentes por nós carinho.

Ao revolvermos a terra
Para aí lançar sementes,
Andas tu a fazer guerra
Aos bichinhos imprudentes.

Tu não tens medo de nós
À procura de alimento
E sentes a nossa voz
Em razão do teu sustento.

O teu papo avermelhado
Nos mostras com ufania,
Pois te sentes resguardado
De uma qualquer vilania.



(1) Ver "Explicação de uma lenda"

O Pisco-de-rabo-ruivo ou rabirruivo preto
(*Phoenicurus ochruros titys* Scop.)

Como os outros é nervoso
E sempre muito agitado;
O seu lidar trabalhoso
É sinal do seu cuidado.

Nas casas abandonadas,
Buracos desocupados,
Deixa palhinhas deitadas
Para ninhos bem folhados.

Canta ao nascer do dia
E à tarde ao sol poente;
É um sinal de alegria
Que encanta toda a gente.

Não tem belíssima cor
Mas é ave singular;
Não sente medo nem dor,
Nada se pode igualar.

bibRIA



A Popa (*Upupa epops* L.)

Com sua crista emplumada,
Suas penas bem pintadas,
A popa é rainha alada
Sobre as terras semeadas.

Quase se não dá por ela
À procura do alimento;
Nunca cai numa esparrela
Pois não quer qualquer sustento.

É agradável de ouvir
Seu canto primaveril
Que só podemos seguir
No mês de Maio ou de Abril.

Em buracos faz o ninho
Que é difícil de encontrar;
Não se mete em borborinho,
Tem uma vida exemplar.



A Rola brava (*Streptopelia turtur* ou *turtur turtur* L.)

Enrola no seu cantar
seus instintos amorosos;
Arrulha e no arrulhar
revela dons preciosos.

A rola tem simpatia
no seu canto de bondade;
É símbolo de alegria
que expressa serenidade.

Seus desvelos de ternura
nos frágeis ninhos que tece
são modelos de ventura
que a natureza enaltece.

Não há visão que se esqueça
E que tanto nos seduz;
São olhinhos de promessa
De oferta ao bom Jesus.

bibRIA



O rouxinol (*Luscinia megarhynchos*)

A modéstia da cor do rouxinol
nem longe corresponde à sua voz;
sempre na frescura, a fugir do sol,
seu canto é emoção em todos nós.

Nas noites de luar de Maio em flor,
como eco de outros mais distantes,
cadenciado em ritmos de amor,
expressa-se em toadas fulgurantes.

Símbolo de emoções, símbolo de amantes,
Acarícia o ninho com fervor,
preenchendo o silêncio com louvor.

No fresco arroio, às cores do arrebol,
Lança seus hinos ao nascer do sol,
pérolas d'oiro em colar de diamantes.



A Sombria (Anthus pratensis)

À sombra dos milheirais,
Discreta, mas sempre activa,
Não despreza os sinceirais
Nos momentos da fadiga.

Nas ervas da pradaria
E nas frescuras da terra,
O seu nome de sombria
Tem um valor que não erra.

Atracção dos rapazinhos,
Quando vem no alto Verão,
Fora da altura dos ninhos,
É um sinal de bênção.

Não há luz que não resista
E não force à sombra cara
Porque a sombria benquista
Demonstra uma força clara.

bibRIA



O Taralhão (*Muscicapa striata*)

O inquieto taralhão,
De gestos atrapalhados,
poise no galho ou no chão,
Parece não ter cuidados.

De alegria transmissor
No alvoroçado trejeito,
É ave de muito amor
Do mais sagrado conceito.

Tem a cor acastanhada
Com riscos de branco e escuro;
Sua voz quase apagada
É esplendor bem seguro.

Donde vindes, taralhões loucos,
Em longínquas migrações,
Que muitos vindes e ides poucos,
Não fugis às tentações?



O Tentilhão ou tintão (pop.) (Fringilla coelebs L.) (1)

Esta ave muito linda
Entre nós foi tão vulgar
Não a esquecemos ainda
Entre as árvores do pomar.

Com canto peculiar
De cores bem combinadas
Não o vamos encontrar
Na frescura das ramadas.

Maravilha é o seu ninho,
Pequeno tronco cortado,
Tem a maciez do linho
De líquen ornamentado.

Pena é que as fruteiras
Já as tenha abandonado
E não volte às nossas leiras
Pois já não é encontrado.

bibRIA



(1) Anexo 3

O Tordo-comum (*Turdus philomelos* ou *Turdus musicus*, L.)

Os tordos vêm no Outono
descobrimdo as oliveiras;
dão prejuízo ao seu dono
nas colheitas derradeiras.

Procuram verdes terrenos
com a erva a despontar;
os seus cantos pouco amenos
não dão para elogiar.

Em pouco claros tempos
e em bandos numerosos,
revelam os seus intentos
na comida cuidadosos.

O tempo corre a favor,
tordos podemos caçar
e não nos falta rigor
para os fazer rarear.

Nós podemos admirar
do seu bando a evolução;
vai e vem sempre a voar
não sofrendo contenção.



A Toutinegra (Sylvia atricapilla L.)

Toutinegra, boa amiga,
O teu canto nos alegra
Em eterna Primavera
Quando o sol não nos castiga.

As tuas modulações,
Em ramo seco pousada,
Têm o dom duma alvorada
Que eleva os corações.

Canta, canta, ó ave doce,
Faz-me evadir da prisão,
Dá força ao meu coração
Como se um tónico fosse.

bibRIA



O Verdelhão (*Carduelis (Chloris) chloris* ou *Ligurinus chloris* L.)

Confunde-se com a verdura
E nunca anda sozinho;
Tem trejeitos de ventura
Na construção do seu ninho.

Não despreza o pinheiral
Em busca do bom pinhão;
Em qualquer ramo é fanal
E a cantar é folgazão.

Trinca-pinhão, meu amigo,
Não deixes o teu pomar,
Quero ir voar contigo
nas asas do meu pensar.

Volta sempre à terra amada,
Carreiol dos meus desejos,
Não terás vida apagada
No ninho dos teus ensejos.



Esclarecimento

Todas as aves aqui incluídas estão classificadas cientificamente e aparecem nos escritos complementares, de acordo com as conveniências.

Algumas anotações dizem respeito a uma só ave (anexos 1, 2, 3 e 8); outras a duas (anexo 5); outras falam das aves em geral, como é o caso do anexo 4 que é uma recensão crítica, do anexo 6, artigo de jornal, e do texto da palestra que aparece como anexo nº 1.

bibRIA

Anexo nº I

DA MINHA JANELA

A CORUJA E O BANQUETE

A luz do dia já desaparecera... mas as ruas continuam iluminadas, electricamente, para que não sintamos o medo das trevas. Na escuridão, todavia, também há vida e há quem viva a coberto da penumbra para melhor poder usufruir das trevas. Lusco-fusco é igual a dissimulação porque nem é dia nem é noite.

Todos os dias, a essa hora de transição, a coruja descobriu que tem aí, sempre preparado graciosamente, o seu apetecido banquete. Ela vem, silenciosamente, transportada nas suas asas de seda, de catadura, feroz e garras desembainhadas, entrando, como um mistério, na catedral umbrosa das copas das árvores, onde se abrigam milhares de pardalitos descuidados e barulhentos, para passarem a noite até ao aparecimento dos primeiros raios de sol na manhã seguinte.

Logo a seguir, o sacrifício é inevitável: pequena restolhada no meio do folheto, uma chiadeira aflitiva, um pequeno

espaço de tempo silencioso e um fantasma esbranquiçado, com asas de seda, eleva-se nos ares e desaparece. Acabou de consumir-se um acto dramático de luta pela sobrevivência.

É assim. As leis da natureza não perdoam aos mais fracos e em favor dos mais fortes.

Por vezes, a humanidade parece ter imitado estas lições da natureza. Quantas vezes, tomando caminhos escuros e a coberto de pouca luz, se tramam situações dolorosas para amesquinhar e destruir o irmão que não sabe donde lhe surgiu o véu de seda que lhe caiu em cima e, inopinadamente, lhe roubou a luz!

Ser coruja de coruja, vá que não vá, ainda se poderá aceitar; mas ser coruja para aniquilar o pequenito pardal e banquetear-se com ele... isso é profundamente dramático.

ANTÓNIO CAPÃO

Anexo nº 2

CARDUELIS

Pinta

são as cores em união;

Pintassilgo

acrescenta a seda ao colorido.

Pinta cardeira

come as sementes do cardo,

enriçado de espinhos,

amorosa alcachofra florida,

em noites de S. João

Carduelis

é peça musical,

de nome *Carduelino*,

cujo canto agita as tensas cordas

da harmonia, em violino,

a anunciar as festas

de próximo Natal.

Pintado de roxo o peito,

é *pintarroxo* em campo outonal.

Som e cor em simbiose,

de perfeição natural,

flúem em êxtases de alegria,

empapadas por osmose

no triste cair do dia.

Solo de artista consumado

eleva a alma ao coro divino;

Quadro de pintor, nunca acabado,

em reflexos de alvor diamantino.

António Capão

Nov. 1995

bibRIA

Anexo nº 3

Suplemento da *Fiacoba*

O TINTÃO OU TENTILHÃO E O SEU DESAPARECIMENTO

Há trinta e cinco anos, mais ou menos, que eu comecei a dedicar-me ao estudo das aves que, residentes ou de passagem, habitavam esta zona da Bairrada.

Não foram propriamente os estudos de Biologia que me fizeram encantar pelas aves, que eu considero os seres mais belos da natureza.

Na verdade, há aves cujas penas apresentam uma simetria de cores que nos causam admiração e nos atraem. Mas, para além dos matizes da coloração e do fio da sua plumagem, há outros cujos cantos são verdadeiros hinos à natureza. É o espírito comum que se encontram entre as pequenas aves os mais belos e mais harmoniosos pequenos cantares que existem na natureza circundante.

Se pelos nossos quintais e pelas nossas árvores de fruta e outros tipos de arvoredo ainda vamos encontrando e malhar partes das aves que conhecemos na nossa infância e juventude, é certo também que algumas delas desapareceram praticamente.

A deterioração do ambiente com a utilização de produtos químicos, como os herbicidas e os insecti-

cidas, não está isenta de culpa no desaparecimento de muitas aves. Entre todas as que conseguiram sobreviver, algumas marcam a diferença pela beleza da sua plumagem e pela harmonia do seu canto de sons variados.

Há pouco tempo, num artigo publicado no "Jornal de Notícias", sobre o artigo da Ilha de São Miguel dos Açores, o autor lamentava a pouca quantidade destas lindas aves e a tendência para o seu desaparecimento.

Entretanto, em 1990, integrada na Protecção da Natureza - Açores, saiu uma bela edição de selos com imagens do *Prillo* e *Pyrrhula murina* em várias atitudes.

Ora, o "Atlas de las Aves" de la Fauna Europea, em versão espanhola por Ignacio de Sagarra, apresenta nos vários espécies desta ave: O número 16. *Pinzón real*, *Fringilla*, *Pyrrula europaea* Vieill., o número 24. *Pinzón*, *Fringilla coelebs*, L.; e o número 26. *Pinzón real*, *Fringilla montifringilla*, L.

Dos três, com várias se-



melhanças, pois têm variações de cores na sua plumagem, cuja harmoniosa coloração é mais visível nas penas das asas e no peito, interessa, antes de mais, a última designação, porque, mais bonita, com uma mancha amarela nas asas, também por aqui passava, embora tenha sido visto e observado menos ve-

zes por mim quando rapazinho.

Mais frequente do que este foi o *Fringilla coelebs*, L., que muito raramente no velho pomar da casa,

particularmente no topo cortado de ramos mais ou menos fortes das peraras. O seu canto afilado denunciava a aproximação do ninho que procurávamos

com cuidado e que nem sempre encontrávamos. O seu ninho era uma construção magnífica, singular; parecia um pequeno prolongamento do ramo cortado de que não se distinguia externamente por estar forrado com os mesmos liques brancos do próprio ramo.

Nós, os rapazes da aldeia, chamávamos-lhe *tinido*, pelo seu canto monotonamente constituído por duas notas de tons diferentes. Noutra aldeia, todavia, era conhecido por *tentilhão*.

Desde a poda das árvores altas do antigo pomar, quando eu era ainda criança, nunca mais vi esta bela ave que nos encantava. As últimas imagens suas que retentivo ficaram-se nos grandes ramos das fruteiras, já cortados e transportados para a casa. Ai as observei muitas vezes postadas lançando no ar as suas duas notas características, durante os meses do Outono e do Inverno.

Efectivamente, Manuel Ferreira de Lima, no seu livro "Os Passaros", embora não nos apresente qualquer imagem, faz uma descrição precisa do *tentilhão*, desde nos que tem um sapateiro no chão. *cinzas*

cor-de-rosa lílãs, *cinza* existencialmente possuía uma mancha branca nas asas. Trata-se do *Fringilla coelebs*, L., de 13 cm, de que "O meu primeiro livro das Aves" do Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza nos dá uma imagem real e bem assim "Aves de Portugal" das Selecções do Reader's Digest.

O *tinido* deixou o seu espaço com muita pena nossa. Temos também que lamentar o seu desaparecimento porque o nosso meio ambiente ficou mais pobre com a sua ausência. De certo nada mais haverá a fazer para provocar o seu regresso ou que faça com que esta ave volte a constituir esta linha como ponto de passagem no itinerário das migrações desta e de outras aves da mesma família.

Foi, de facto, entre elas, esta pequena ave que melhor conhecemos entre nós, que aqui viveu e nidificou durante muito tempo, mas para nosso desgosto, nossa lamentação e descontentamento, desapareceu dos nossos arvoredos e dos pomares da nossa região.

António Capelo

Anexo nº 4

CARDUELIS

Turdus

Mio es. (C. 1895-1900)

P. (1895-1900)

P. (1895-1900) (1895-1900)

P. (1895-1900)

Procura o A. deste opúsculo de justificado valor dar-nos uma ideia, aliás bem documentada, do equilíbrio biológico da natureza, das causas que lhe podem trazer desvios, levando a graves consequências.

Trata, em primeiro lugar, dos mamíferos, de que dá vários exemplos de desequilíbrio colhidos no estrangeiro, passando depois às aves, sobre as quais faz também várias considerações muito proveitosas, terminando por apresentar uma lista destas, cuja caça deverá ser interdita.

Pois bem, para o caso especial de Portugal, parece-me que deveriam ser apresentados exemplos tirados do nosso ambiente natural, porque os temos em grande escala.

Entre nós (norte da Bairrada), houve tempo em que a raposa mantinha o tal equilíbrio entre o coelho selvagem, não se abatendo um sequer doente. Alguns anos atrás, parece que os caçadores se propuseram quase o extermínio desse carnívoro, fazendo-lhe esperas de noite; resultado: o coelho proliferou de tal maneira que, hoje, quase todos os indivíduos abatidos têm de ser abandonados. Mas outro animal se pode juntar à raposa — o *caçarabo* (gato bravo) — ao qual o caçador também nunca perdoou, embora seja elemento útil na manutenção desse equilíbrio. Será este um exemplo nosso a acrescentar.

Mas passemos às aves. Consoante a região e as circunstâncias, há algumas que se tornam prejudiciais à agricultura; isso serão casos a considerar, porque, em geral, conhecemos a utilidade de todas. Existe uma, todavia, que, reproduzindo-se em grande quantidade, se torna uma autêntica praga em toda a parte onde habita — é o *pardal*; repito, torna-se nocivo pela quantidade assustadora com que se multiplica; não vemos, por isso, motivo por que se não destrua, até porque o nosso povo afirma que “arroz de pardais, quem me dera cá mais!”.

Evoquemos agora alguns casos especiais:

1.º caso: Esta região (Bairrada) é plana e coberta de vegetação abundante; daí o facto de ser também motivo de atracção para certas aves, muito embora algumas delas não tivessem feito, que se saiba, parte integrante da sua fauna ornitológica.

Vejamos o que há vinte anos a esta parte tem acontecido: um dia, um casal de *abetardas* (*Otis tarda* L.) sobrevoou os nossos quintais e campos de milho; um então guarda da Venatória abateu um dos indivíduos, alegando ser uma *águia pesqueira* que perseguia um bando de *pérdizes* (*Alectoris rufa*).

2.º caso: Há uns oito anos, um casal de cegonhas brancas (*Ciconia ciconia* L.) começou a sobrevoar a aldeia e resolveu fazer o ninho sobre o tronco de um eucalipto, à beira de uma estrada: foram lá, tiraram os ovos. No ano seguinte, vieram mais: tiraram-lhes os filhos. E assim sucessivamente, até que, este ano, se fez, em uma aldeia vizinha, uma arrozada com as pobres avezitas. Não me consta, durante este tempo todo, que a Comissão Venatória ou outras autoridades tivessem feito alguma coisa para proteger estas belas aves que teimam em fixar-se entre nós.

3.º caso: *Armar aos pássaros* é hábito muito antigo entre nós, compreendendo-se por isso, encher os campos de *costelos*, *costelas* e *capoeiras* a partir de Agosto, já com os milhos quase maduros. Matam-se então, nesta região, milhares e milhares de pequenas aves que não causam outro prejuízo que não seja o de comerem milhões dos chamados *bichos-do-milho* e de insectos. Algumas aparecem só nesta altura do ano: *sombria* (aqui, o *Anthus pratensis* e não o *Anthus spinoletta*); *taralhão* (*Muscicapa striata*); *taralhão-dos-matos tintão-dos-matos*, *pim*, *ferreirinha* (*Muscicapa hypoleuca*); *rexêxê-das-abóboras* [*Luscinia* (*Cyanosylvia*)*svecica*] — nome português de origem onomatopaica com indicação dos sítios — aboborais — onde mais facilmente se encontra: *boeira* (*Motacilla cinerea* e *Motacilla flava*); certas *felasas* (*Phylloscopus sibilatrix* e *Phylloscopus bonelli*); *bal d'abobra* (*Sylvia borin*), etc..

Outros são sedentários: *rouxinol* (*Luscinia megarhynchos*); *carriça* (*Troglodytes troglodytes troglodytes* L.); *cagachim* (*Parus major*); *melro* (*Turdus merula merula* L.); *calhandra* (*Chersophilus duponti*); *cotóvia* (*Galerida cristata* e *Lullula arborea*); *cascalhó* (*Coturnix coturnix* L.) *arbela* (*Motacilla alba* L.), etc., etc. — pequenas aves que só cometem o crime de serem extremamente úteis. Algumas, no entanto, por virem em grande abundância, são as grandes vítimas: a *sombria* e o *taralhão* (*Muscicapa striata*). Este último tem rareado há alguns anos atrás, embora o provérbio existente o admita ainda em grande quantidade: “Donde vindes, taralhões loucos, que muitos vindes e ides poucos?” — repare-se em *muitos vindes* e em *ides poucos* — o que quer dizer que vinham em quantidade, mas eram largamente dizimados.

Ora o *taralhão*, assim como a *sombria*, são, por esta altura, autênticos terrões de gordura, dando origem a acepipes originais; lembremos que, em Lisboa, em locandas e casas de petiscos, se vende caro cada peça, havendo passarinhos para os captar e fornecer essas casas.

Por tudo isso, admitindo eu que se trata de autêntico crime em relação à natureza esta captação mais ou menos em massa, visto que não se pode fazer selecção, caindo todas essas aves nas mesmas ratoeiras; que as suas vantagens são incalculáveis, no que diz respeito à agricultura, não se apercebendo o lavrador desses benefícios; que, tendo-se verificado que esses são, em relação às plantas, um elemento de equilíbrio natural; que muitos desses pássaros só nos aparecem aqui em espaço de tempo determinado pelas suas migrações; que todo aquele que se interessa pelo desporto da caça não deseja a sua destruição, por serem de pequeno tamanho, mas só as crianças,

como passatempo de férias grandes, ou adultos em precárias circunstâncias de vida, não querendo trabalhar; — parece-me que seria bom:

1.º — Que se interdittasse totalmente a captação dessas aves por meio de *palmas*, em que o aprisionamento é colectivo com o fim de abater os individuos retidos; por meio de *costelos* e *costelas*, às dezenas, em que o aprisionamento é individual, ainda que eu, como tantos outros, tivesse tomado parte activa nele, quando criança.

2.º — Que fossem tomadas medidas mais enérgicas no que diz respeito a ninhos, nomeadamente àqueles que são do conhecimento de todos (os de cegonha, por exemplo).¹⁾

3.º — Que as pessoas escolhidas para guardas da Venatória sejam tanto quanto possível honestas e, de certo modo, independentes do agregado populacional, já que são conhecidas quaisquer irregularidades praticadas por alguns.

4.º — Que fosse proibida a fabricação em quantidade dessas ratoeiras que se vendem às dúzias (*costelos* e *costelas* de arame).

5.º — Que cada pessoa, convicta do respeito que deve à natureza, se interesse, sem inibições, por entregar os culpados à responsabilidade dos seus actos, agindo de acordo com a lei protectora.

6.º — Que fosse elaborado e editado um livrinho do género do do Dr. Santos Júnior, ou este com algumas alterações, com exemplos tirados do nosso ambiente natural, em edição substancial, e que cada caçador, a baixo preço ou mesmo dado, fosse obrigado a adquiri-lo, por exemplo na altura de tirar as devidas licenças.

7.º — Que se espalhem pelo país, de acordo com as Comissões Venatórias, mais *reservas ornitológicas*, com grupos especializados para estudarem cada região, directamente ligados a Institutos Universitários.

8.º — Que se faça a recolha e se fixem os termos populares de cada ave, indicando a aldeia e o concelho, mesmo quando se trate de frases, interpretando o seu canto, com o que se pode prestar um valiosíssimo auxilio à Filologia Portuguesa.

Quanto a estas pequenas aves, raramente se encontram pessoas que as abatem só pelo prazer de fazer mal; a não ser com os citados *costelos* e *costelas* que as matam, apertando-lhes o pescoço, usam-se as *palmas*, nos bebedouros, e as *capoeiras*, nos campos, que as captam vivas; a *capoeira* é uma armadilha interessante que poderá ser usada até nas reservas ornitológicas. Além destes instrumentos, uma ou outra criança usa a *funga* (atira-deira, fiska), com que rarissimamente abate um ou outro passarito.

Sem pensarmos em deixar cumular as nossas casas de teias de aranha, só porque os aracnídeos mantêm o equilibrio natural em relação às moscas (1),

(1) Os nossos lavradores não limpam as teias de aranha dos currais do gado, por causa das moscas que o apoquentam, durante o verão.

é evidente que o livro do Dr. Santos Júnior vem de encontro ao pensamento de muitas pessoas de bom senso, incluindo caçadores, podendo e devendo ser mais conhecido do público, principalmente dos que mais sentem estes problemas.

Lembro, ao mesmo tempo, que a plurinomia tem interesse vincado para a Filologia; e, embora constitua um certo obstáculo para o reconhecimento de certas aves nas diferentes regiões, a recolha desses nomes que fazem parte do nosso espólio lexicológico, tendente a desaparecer com as gerações, é uma riqueza linguística incalculável que é preciso explorar.

Aveiro.

ANTÓNIO TAVARES SIMÕES CAPÃO

bibRIA

Anexo nº 5

Nomes populares do chapim e da codorniz

Anexo nº 5 (a)

Nomes populares do chapim e da codorniz (1)

Nomes populares do chapim e da codorniz, por António Tavares Simões Capão.

Este trabalho, fazendo parte de um conjunto, ainda não elaborado integralmente, que trata da «Onomatopeia nos nomes das aves», está dividido em duas partes distintas: uma diz respeito aos nomes populares do chapim, quer se trate do *Parus Parus Major*, do *Parus Ater Vieirae Nicholson* ou do *Parus Cristatus Weigoldi Tratz*; a outra trata dos nomes vulgares para a codorniz; e porque já o Dr. Joseph Piel se dedicou ao assunto, eu tive especialmente a intenção de trazer algumas achegas e de por alguns problemas que se me apresentaram sugestivos. Por isso, aos nomes citados por Piel, acrescento o termo do norte da Bairrada *casalhó* para o que procuro uma explicação, o que também faço para a palavra *cutorroa*.

Anexo nº 5 (b)

ANTÓNIO TAVARES SIMÕES CAPÃO

Prof. do Liceu de Aveiro

Nomes populares do chapim e da codorniz

biblioteca

Separata do n.º 237 da Revista Labor

LUSITÂNIA-AVEIRO
1 9 0 5

Nomes populares do chapim e da codorniz ⁽¹⁾

I — Chapim

Se é verdade que as aves constituem um dos mais belos ornamentos da natureza, apresentando-se a variedade conforme o ambiente em que vivem, verdade é também que o homem procurou, em virtude do seu maior ou menor convívio com elas, dar-lhes nomes que as pudessem distinguir umas das outras. E muito antes de o homem ter pensado em classificações de taxinomia, com certeza começou por denominar esses encantadores seres da natureza por qualquer particularidade que mais sobressaísse entre as outras: o comprimento das pernas, das asas, da cauda, do bico, a cor das suas penas, a maior ou menor abundância de plumagem no pescoço e na cabeça, a colocação dos olhos, a configuração da cabeça, o seu canto, etc., etc.

Tudo isto constitui grande fonte de material, que, em parte recolhido, não foi ainda totalmente utilizado num estudo filológico de carácter geral.

Juntando às características que acima mencionei, certos hábitos, nós vamos encontrar nas aves nomes chelos de inte-

(1) — Comunicação apresentada ao *Colóquio de Fonética e Linguística peninsulares no XXVII Congresso Luso-Espanhol para o progresso das ciências*, de 20 a 24 de Julho de 1964, em Bilbao.

Anexo nº 3 (II)

resse que é preciso fixar. Embora tendo consultado uma extensa bibliografia, este trabalho é mais uma contribuição a juntar a outras de igual teor; comparações com outras línguas, principalmente românicas, seriam necessárias. E, se para Portugal, Espanha e França estou mais ou menos com bons livros à mão, o mesmo já não me acontece com a Itália, onde devem existir tratados de Ornitologia de valor, onde com certeza aparecerão nomes populares.

O Método Comparativo em Filologia traz, além de muitos outros interesses de variada ordem, este: saber como tal ou tal povo reagiu perante tal ou tal animal ou objecto, vindo depois a designá-lo por motivo desta ou daquela característica que mais o impressionou.

Vai interessar-me, essencialmente, o estudo dos nomes vulgares de certas aves em Portugal, e, não desprezando aqueles que indicam os interesses mais variados no nosso povo, de região para região, os nomes que o mesmo povo foi buscar aos seus variados cantos, quer dizer, de *origem onomatopaica*. Mesmo assim há certas aves que, num concelho ou mesmo numa só povoação têm um nome vulgar tirado do seu canto, e, noutras partes, essas mesmas aves têm outro nome tirado, por exemplo, da cor das suas penas, da sua configuração total ou parcial, etc. E, se esta diferença se encontra num país relativamente pequeno, como é Portugal, o que não acontecerá na França, na Itália ou na Espanha! Contento-me com o pouco que nos cabe, que, linguisticamente, já é muito.

Durante quatro anos, coligi, não só em inquéritos *in loco*, como através de bibliografia, todo o material que me foi possível para tal fim. Não me contentei, todavia, só com este ou com aquele vocábulo, mas ainda com todos os provérbios, superstições, contos populares que a elas andassem ligados; folheei com atenção os nossos cançoneiros populares e recolhi as quadras que foi possível, respeitantes ao mesmo assunto, possuindo agora material abundante que me permite recrear o espírito, registando todas as informações que, ao longo de tantos meses, fui reunindo. Ao mesmo tempo recorro com prazer os passeios que dei pelo campo em dias de Primavera ou até mesmo no Inverno, para interrogar as pessoas de certas aldeias, ouvindo, ao mesmo tempo, os suavíssimos descantes destes seres, entre a ramaria densa das vizinhanças. E, se ao aldeão passa já despercebido esse conjunto de maviosos cantares, o mesmo não acontece a outra qualquer pessoa mais habituada à vida activa das cidades, ouvindo o delicadíssimo suspirar do rouxinol durante a noite ou com o fim do dia.

* * *

Há, na verdade, alguns bons trabalhos, por exemplo o de João da Silva Correia (2) e ainda o de Júlio de Lemos (3) e os de Rodrigo de Sá Nogueira (4); mas são todos de carácter geral: estudo dos sons e ruídos da natureza quer eles venham dos animais, dos objectos, do vento ou da chuva.

Tentar o estudo das Interpretações dadas pelo povo ao canto de algumas aves, principalmente daquelas que mais o impressionam por qualquer circunstância, é o objecto do presente trabalho.

Há um bom estudo deste género sobre a codorniz (5), mas a este tenho também alguma coisa a acrescentar.

Vou começar com um passarito que, diga-se de passagem, foi o motivo principal do meu interesse pelos nomes das aves. E' uma pequena ave de cor azul muito viva; o macho tem o papo e parte da cabeça pretos e azuis e a fêmea tem o papo amarelo claro (6).

E' o *Parus major major* (L.) ou o *Parus parus major* (L.), o *chapim real* que tantos nomes tem e são interessantes, através de Portugal. Vejamos então quais os nomes por que é conhecido entre nós:

Chapim; *patachim*; *parachim* (Douro); *cagachim* (Palhaça, Nariz e quase toda a região norte da Bairrada (7)); *cachapim* (Beja); *chinchinim* (Santa Clara-a-Velha); esta ave é o *chincharravelho* de Braga e de quase todo o Minho (8); mas *chincharravelha*, segundo Tait, em Penafiel; Tait dá-lhe ainda os nomes de *pinta-caldeiras*, *fradisco*, *ferreiro* (Porto); *mezengro* (Melres e Caldas de Aregos); *papa-abelhas* e *caldeirinha*

(2) — "A interpretação verbal de sons e ruídos naturais." In «Biblos», V. 2.º, pp. 574-594.

(3) — *Pequeno Dicionário Luso-Brasileiro de vozes de animais* — Ed. da Rev. de Portugal, Lisboa, 1946.

1.º *Suplemento*, Lisboa, 1951.

(4) — *Estudos sobre as Onomatopeias*, Lisboa, 1950.

As Onomatopeias e o problema da Origem da Linguagem, Lisboa, 1950.

(5) — Joseph M. Piel. *O nomes populares da codorniz*, in Rev. Portuguesa, série A, n.º 72, V. XIV, pp. 58-64.

(6) — Paulino d'Oliveira — *Aves da Peninsula Ibérica e especialmente de Portugal*, pág. 145, Coimbra, 1910.

(7) — António Tavares Simões Capão — *A Bairrada, Estudo linguístico, histórico e etnográfico*, pág. 76, Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra (inédita).

(8) — J. R. dos Santos Júnior — *Anilhagem de aves em Portugal e a reserva Ornitológica de Mindelo*, publicação do Inst. de Zool. Dr. Augusto Nobre, Faculdade de Ciências do Porto, pág. 156, 1957.

(Quartelra). Tem ainda os nomes de *mejendra* e *mejengra*; em Palhaça e Nariz, além do nome já citado, outro: *chim-chafol*; e na Barra de Aveiro e Gafanhas *chi-chi-fol* ⁽⁹⁾.

Mas esta ave é também conhecida pelo nome de *cedovém* por ser das primeiras cujo canto se ouve mesmo antes da primavera começar. É, pois, das primeiras aves que se reanimam. E, saltitando de ramo em ramo ainda sem folhas, vai fazendo notarem-se as três sílabas breves mas enérgicas do seu vocabulário: no norte da bairrada — Palhaça, Nariz, Soza, Carregosa, Boco, Oiã — como começa a cantar em Março por altura da lavragem das terras para a sementeira dos milhos, os lavradores dizem: «Lá anda o *semeia milho, semeia milho, semeia milho*; em Estarreja, ao norte de Aveiro, segundo Tait, é o *pássaro do linho* e *semeia linho*; na Estremadura, ainda *semeia linho* ou *semeia milho*; em Castelo Branco, *chova aqui, chova aqui*; em Évora, *cose-me aqui, cose-me aqui*; no Mouronho, *vitória, vitória!* ⁽¹⁰⁾.

É, pois, esta avezita uma das que mais cedo nos anunciam a Primavera, e ch-ga a ser tão cedo que, em Álvora, concelho de Arcos de Valdevez, ela anuncia-a quando ainda o lavrador trata das suas cepas, pois aí, diz: *pod'à binha! pod'à binha!* ou *cab'à binha! cab'à binha!* Neste último caso já se aproxima mais das sementeiras quer do milho quer do linho. No entanto, em Mouronho, a avezita anuncia aos lavradores que a *vitória* dos raios solares primaveris sobre as névoas do Inverno, não está demorada, por isso eles dão-lhe esse nome traduzindo o seu canto, como allás, em todas as outras regiões do país o fazem, isto é, como onomatopela: *Vitória! Vitória!*

Na freguesia de Ferreiros, Geraz, concelho da Póvoa do Lanhoso, o meu informador observou-me que, quando a Primavera está próxima, aparece nos ramos das árvores um pássaro a intimar os lavradores ao trabalho: *Stira-te! Stira-te!* *Stira-te!* — é o chincharravelho que aconselha o homem a *estirar-se*, isto é, a trabalhar com vontade ⁽¹¹⁾.

⁽⁹⁾ — No Colóquio de lingüística e fonética, Leonel Ribeiro informou-me de que, na Estremadura, o *chapim* também tem este nome e o povo o explica pelo facto de o passarito soprar como um *fol*, quando tentam tocar-lhe no ninho.

⁽¹⁰⁾ — João da Silva Correia — Art. cit. in «Biblos», V. 2.º, pág. 578. A mesma interpretação aparece in «Aves» — Enciclopédia pela Imagem, pág. 5.

⁽¹¹⁾ — Inquérito feito em Março de 1958. O informador foi o senhor Manuel de Almeida.

* * *

Quanto aos nomes atribuídos a esta ave, não há dúvida de que a sua maioria é de origem onomatopáica; é de notar que, quando esses nomes são constituídos por uma só palavra, nela predominam as consoantes nasais; além disso, cada uma delas é constituída por três sílabas que correspondem exactamente à pronúncia de três sílabas nítidas e bem distintas, com acento predominante na última, como se fossem marteladas: *ca-ga-chim*, *ba-ta-chim*, *chin-chi-nim*, etc. ⁽¹²⁾.

Se o nome é constituído por uma frase, é-o de tal maneira, que se pode dividir da mesma forma, embora pronunciando-se mais depressa, o que faz quase desaparecer a sílaba final, como se pode ver nas frases seguintes:

S'meia li(nho)! S'meia li(nho)! S'meia li(nho)!
ou Cab'à bí(nha)! Cab'à bí(nha)! Cab' bí(nha)!
e assim para todos os outros casos.

Em Quarteira diz-se *caldeirinha*; a palavra pode dividir-se da mesma maneira *cal-dei-rí(nha)*, e, embora isso aconteça, o vocábulo sugere-nos um sentido de som que impressiona.

Aparece-nos também o nome *papa-abelhas* ou *abelharuco* que corresponde justamente à palavra francesa *mésange* (n. f.) do ant. alemão *mesinga*; ora, esta é uma família de pequenos pássaros espalhados sobre quase todo o globo. Os *abelharucos*, de que se conhecem numerosos géneros, são de facto muito úteis à agricultura pelo grande número de insectos que destroem; mas o *chapim* quase não tem bico que comporte uma abelha; mais para o centro e sul do país, sim, há de facto *abelharucos* que são muito maiores do que a ave de que neste momento estamos tratando. Isto prova que é sempre difícil traduzir uma palavra com o seu sentido exacto, de uma língua para a outra; neste caso, não é possível traduzir *mésanges bleues* por *abelharucos*; é necessário, antes de mais nada, conhecer as respectivas aves.

* * *

Rodrigo de Sá Nogueira, nos seus «Estudos sobre as Onomatopéias», diz que conhece os seguintes nomes de ori-

(12) — Vid. Júlio de Lemos — *Suplemento ao Dicionário de Vozes de animais*, pág. 26.

(13) — *Estudos sobre as Onomatopéias*, pág. 67.

gem onomatopaica, que o povo dá a esta ave: *chapim*, *cachapim*, *patachim*, *chinchinim* e *bem dito*, *bem dito* (Beijós) (15).

Júlio de Lemos (14) cita também esta ave no seu «Dicionário de vozes de animais», com o nome de *meigengro* e diz que ela *retrauteia*: — *Cachapim... pim... pim... cachapim!*, citando Aquilino Ribeiro em «Aldela».

E' pena que Júlio de Lemos não tenha agrupado os diversos nomes da mesma ave, pois nos apresenta ainda o termo *chinchão* e cita o «Dicionário» de Silva Bastos para nos indicar a voz onomatopaica desta mesma ave: *chim chim*. O mesmo autor apresenta ainda *chincharrabelho* e *chincharrabelha* que acima já mencionámos, apresentando como voz *chiar* e *chiu*, *biu*, *berriu!*, esta última forma documentada em «Portugal Pequeno» de Maria Angelina e Raul Brandão (15).

O mesmo autor cita ainda o termo, de que também já falámos, *chapim*, informando que esta ave canta, como diz Jacques Delamain, em «As aves cantam. Porquê?», da seguinte maneira: *pi-ti-pu*, *ti-ti-pu* e, confirmando ainda o mesmo autor estrangeiro, diz que são três pancadas nítidas, sonoras, como que marteladas sobre uma bigorna (16). Citando ainda o mesmo autor, Júlio de Lemos apresenta-nos outra variedade, o *chapim-monge* cujo canto é o seguinte: *tir-tir-tiá-tiá* (17).

Seguindo a frase citada de Delamain, podemos concordar com o nome *ferreiro* que se dá no Porto a esta ave, conforme Tait, citado por Paulino de Oliveira. Quanto aos termos *fradisco*, dado por Tait e registado por Paulino de Oliveira, e *chapim-monge* de Delamain, tornarel a falar, quando tratar do pardal, a propósito do termo francês *moineau*.

Júlio de Lemos regista também os termos *chinchafóis* e *chinchafoles*, dizendo com Eduardo Sequelra — «Ninhos e Ovos», que o seu canto se assemelha ao *coaxar* das rãs. Para que eu estivesse totalmente de acordo, seria necessário que esta ave fosse a mesma que o *chapim* ou *chim-chi-fol* da BARRADA ou o *chi-chi-fol* da Barra de Aveiro e das Gafanhas. No entanto, a ave limita mais ou menos as rãs, soprando, na época do choco, quando se sente aflita (18).

(14) — *Pequeno Dicionário Luso-Brasileiro de vozes de animais*, pág. 75.

(15) — *Op. cit.*, pág. 42.

(16) — Note-se que o canto da ave ou se pode interpretar por três sílabas ou por nove ex: *ca-ga-chim!* ou *ca-ga-chim! ca-ga-chim! ca-ga-chim!*

(17) — Júlio de Lemos — *Suplemento ao Dicionário de Vozes de animais*, pág. 26.

(18) — O que é confirmado pela ulterior achega de Leonel Ribeiro, p. 3, nota 9.

Num Dicionário de Português publicado há relativamente pouco tempo⁽¹⁹⁾ já vêm muitos nomes de aves, de carácter onomatopaico; aí nos aparece o *chapim* a que são atribuídos outros nomes alguns a que já fiz referência neste estudo; quero registar também aqui os termos *batachim* e *semini*; no citado «Dicionário» vêm ainda outros para o *chapim real*: *chapim-azul*, *chapim-carvoeiro* e *chapim de poupa*.

Não há dúvida nenhuma que cada um destes termos atribuídos ao *chapim real* se justifica, pois o azul é a cor que em maior parte lhe cobre o corpo; o seu bico preto de azeviçhe, assim como as suas patas e uma mancha que desce da cabeça até ao papo e à cauda, lhe dão o epíteto certíssimo de *carvoeiro*. Mas é o *chapim real*; quando se irrita, levanta na cabeça um tufo de penas que lhe dá autoridade — é o *chapim de poupa*, — *Parus cristatus Weigolti*, TRATZ, em oposição aos outros da mesma família que nunca a possuem.

A esta família pertence também uma pequena ave de cauda longa mas de canto semelhante, a que os franceses dão o nome de *fauvette à tête noire*, reproduzindo o seu canto característico por «chick et dli», repetido várias vezes⁽²⁰⁾. No entanto, esta imitação do canto é já por si uma imitação do nome que, por vezes os americanos dão a esta mesma ave — *Black-capped chickadee*. A obra francesa, ainda que seja de divulgação para a infância, é decalcada, texto e gravuras, de uma obra americana⁽²¹⁾.

A uma ave idêntica *Poecile palustris* L., dão os espanhóis o nome de *paro de los pantanos: tiene el vértice de la cabeza negro y una mancha en la garganta, del mismo color*⁽²²⁾.

Ao *Parus major*, L., *mallirenga carbonera*, e, na Catalunha, *tintipella*, chamam *herrerillo* e dizem que *la parte superior del cuerpo es de color amarillo de azufre, y está dividida por una faja longitudinal, negra*⁽²³⁾ — é este o *chapim real*, mas a obra de Sagarra não se refere a outros nomes de origem onomatopaica.

Outra ave da família *Paridae* é o *Periparus ater*, L. (*Parus ater*, L.), *azabache*; é chamado na Catalunha *Carbonera*

(19) — Almeida Costa e Sampaio e Melo — *Dicionário de Português*, Porto, 3.^a ed.

(20) — *L'Encyclopédie par le timbre - Les Oiseaux* — pág. 9.

(21) — Herbert S. Zim Ira N. Gabrielson — *Birds - A guide to the most familiar american birds*, pág. 78, New York, 1956.

(22) — Inácio de Sagarra — *Allus de las aves de la fauna europea*, 1.^o Vol., pág. 31, 4.^a ed., Barcelona, 1955.

(23) — *Opus cit.*, pág. 31, n.^o 69.

petita: tiene la cabeza y cuello negros y una mancha de color blanco en la nuca (24).

Interessa ainda citar a *Primavera, Cynistes coeruleus, L.; mallarenga blava* (Cat.): *Es un pajarito magnífico, de carácter alegre y juguetón* (25).

Aliás toda a família é constituída por pássaros de pequeno tamanho, vivíssimos e de canto muito alegre, como o provam as interpretações que o povo lhes dá, conforme as suas actividades, que correspondem à época do seu canto. Notemos, sòmente, o termo usado na Catalunha — *tinlipella* — que podemos juntar, pela sua formação, a muitos citados neste trabalho.

João da Silva Correia no seu estudo (26) não considerou o *chapim* e a *meçengra* o mesmo pássaro, o que prova que é necessário conhecer os objectos, teoria imposta pelas *Wörter und Sagen*, e se torna absolutamente necessário para qualquer trabalho de carácter filológico. Assim, este autor diz que o *chapim*, na *Extremadura*, dá uma ordem de economia rural: *semeia milho! semeia milho!* (27) A interpretação do canto da *mejendra*, todavia, é diferente para o povo das diversas regiões: *Vitória! Vitória!* em Mouronho, em Castelo Branco, *chova aqui! chova aqui!*, em Évora, *cose-me aqui! cose-me aqui!* (28).

Mas este mesmo autor confirma que a *mejendra* tem, entre os vários nomes por que é designada, alguns que são frases tradutoras do seu canto e dão ao homem do campo conselhos práticos — *semeia milho* e *semeia-linho* — nomes que já cita Cândido de Figueiredo no seu *Novo Dicionário* (29). É natural que o autor englobe nos vários nomes o de *chapim*, e, nesse caso, estamos totalmente de acordo; além disso, ele cita também para o *chapim*, na *Extremadura*, a interpretação de *semeia milho! semeia milho!*

Como vemos, por esta reunião de vocábulos, grande parte da riqueza do nosso espólio lexical está ainda por estudar.

(24) — Opus cit., pág. 31, n.º 70.

(25) — Opus cit., pág. 30, n.º 68.

(26) — Opus cit.

(27) — Opus cit., pág. 576.

(28) — Opus cit., pág. 591.

(29) — Opus cit., pág. 582.

II — Codorniz

Sobre os nomes desta ave, há um trabalho sério, feito com interesse e com grande espírito de observação⁽⁵⁰⁾. O autor, aproveitando os estudos de Leite de Vasconcelos, de Júlio Moreira, sobre cujos termos baseou o seu trabalho, e de Cândido de Figueiredo, distribuiu os termos citados por estes autores em cinco séries, o que, quanto a mim, não era necessário, para depois, citando autores estrangeiros como Schuchardt, Wartburg, Meyer-Lübke, Ernout-Meillet, etc., tentar conciliar os diferentes vocábulos populares, nitidamente de origem onomatopaica, com algumas palavras latinas, que, produto de uma longa evolução na Península e de cruzamentos populares, teriam dado formas populares modernas, portuguesas e estrangeiras.

Quanto às séries do Dr. Piel, tenho a dizer que, com as mesmas palavras, formaria só duas: uma, com as palavras cujas duas primeiras sílabas começam pela oclusiva surda *p*; outra, pelas palavras em que as mesmas sílabas começam pela oclusiva surda *c*; é de notar que estas consoantes nunca alternam, na mesma palavra, em português; e a terceira sílaba começa por uma consoante líquida *r* (simples ou dobrado) e *l* (simples ou palatalizado).

A alternância das vogals destas sílabas (a, o, e) não me admira, porque o povo, ao falar, muitas vezes substitui umas por outras, talvez por analogia, talvez pelo descuido com que as pessoas falam umas com as outras, ou ainda pela preocupação de se corrigir, quando falam com outras que consideram, intelectualmente, superiores (ultra-correcção).

Por isso, eu reuniria, na mesma série, os tipos *parpalhás* (termo transmontano que Piel cita escrito com *z* final, o que não está de acordo com o termo seguinte também citado por ele) e *paspalhás*; e noutra, os tipos *calcoré*, *carcalhé* e *corcalhé*.

A existência de consoantes diferentes não nos pode levar, de uma maneira absoluta, a problemas de etimologia, principalmente quanto à primeira sílaba, pois estou convencido de que a maioria destes nomes são onomatopálicos mas derivados do canto desta ave, e, portanto, produto da imaginação popular, o

(50) — Joseph M. Piel — *Os nomes populares da codorniz*, in Rev. Portuguesa, Série A, n.º 72, V. XIV, pág. 58-64.

que é aceitável se soubermos que as pessoas do campo julgam exactamente ouvir assim a palavra no seu canto.

Concordo com o Dr. Piel quando diz que «a espontaneidade dos chamadoiros portugueses da codorniz está fora de dúvida, mas não se podem qualificar de criações absolutamente elementares, porquanto nelas perduram indiscutivelmente elementos pertencentes a *coacula* por um lado e *quacquara*, pelo outro»⁽³¹⁾.

Parece não haver dúvida de que o vocábulo latino *coacula* serviu de apoio a certas formas românicas, como o fr. *caille* o it. *quaglia*, o sicil. *quagghia*, o cat. *quatlla*⁽³²⁾, etc., mas a imaginação do povo, ouvindo ele a ave, fez o resto. Como poderemos explicar, a não ser por origem onomatopáica, o termo do norte da Bairrada *cascalhó*⁽³³⁾? Podemos apolá-lo, talvez, em *quacula*, mas sofrendo a influência de *paspalhó* ou *paspalhão*, termos estes usados na região de Ílhavo e de Aveiro (Gafanhas, por exemplo); não conheço o termo *cascalhó* em mais parte nenhuma; é muito restrita a sua existência; um possível cruzamento de *calcaré* com *paspalhó* teria dado esta forma e viria, de certo modo, confirmar que a região da Palhaça constitua uma zona de colonização, com elementos vindos sempre do norte, o que já defendi na minha dissertação de Licenciatura⁽³⁴⁾.

* * *

Ora eu juntava, com a respectiva justificação que atrás apresentei, o termo *cascalhó*, na minha segunda série e confirmo que o povo da minha região a chama assim em virtude do seu canto; são três sílabas bem distintas, saporadas, *estrepitosas* para Júlio Moreira.

A acentuação predominante, ao repararmos nos vocábulos apresentados por Piel não só para Portugal mas para os das outras nações citadas, é na última sílaba, o que me leva a considerar essas formas verdadeiramente onomatopáicas; vejamos:

(31) — Joseph M. Piel — Opus cit., pág. 61.

(32) — Joseph M. Piel — Opus cit., pág. 62.

(33) — Capão, António Tavares Simões — *A Bairrada, estudo linguístico, histórico e etnográfico* — Dissertação de Licenciatura (inédita) apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra, 1957, pág. 84.

(34) — Capão, António Tavares Simões — Opus cit., Prefácio, IV-V

1.ª Série

parpalhó (beirão)
 parpalhós (beirão)
 perpallhós ⁽⁵⁵⁾
 parpalhás (trasm.)
 paspalhão
 paspalhás (trasm. e gal.)
 parpalhár
 paspalhós ⁽⁵⁵⁾
 paspilhós

2.ª Série

calcaré
 calcoré
 calcurré
 calquiré ⁽⁵⁵⁾
 calcurré
 cracolé
 carcalhão
 carcalher
 carcalhé
 corcalhé
 corculher ⁽⁵⁶⁾

A esta segunda série juntava eu o termo bairradino *cas-calhó*, assim como na primeira juntei *parpalhás* e *paspalhás*.

A lista de palavras agudas, acima citada, que imitam o canto da ave, cada uma delas pronunciada com três sílabas separadas e acento na última: *pas-pa-lhó*, *pas-pa-lhão*, *cal-car-ré*, *car-ca-lhão*, *cor-ca-lhé* *cas-ca-lhó*, etc., junto as palavras estrangeiras indicadas pelo mesmo autor:

parpara (basco) carcaillot (fr. mod.)
 parpayulla (astúr.) carcaillo (Picardo)
 parpayuela (astúr.) carcaillou (Démun)
 parpayega (astúr. oc.) carcaillou (Lille)
 parpayal (astúr. Grandes) carcaillet (fr. médio)
 pereper, perepel (russo) carcaillat (franc.-compté)
 perpalo (prússio) carcalhá (limosino)
 palpaquà (dialecto veneziano) carcadet (vulg. fr. mod.)
 palpalà (* *)
 paspula (b. sorábio)
 pospolin (basco)
 puspura (sérvio) (57)

Como estamos vendo, há, quanto à formação destas palavras, alguma coisa em comum: em regiões e países tão longín-

⁽⁸⁵⁾ — Themido, António Armando — *Aves de Portugal*, Coimbra, 1952, p. 200, n.º 337.

⁽⁸⁶⁾ — Segui a lista do Dr. Piel, mas acrescentei as palavras abonadas por Themido, na obra citada.

⁽⁸⁷⁾ — Joseph M. Piel — *Opus. cit.*, pág. 59.

quos uns dos outros, permanece mais ou menos idêntico o modo de formação das respectivas palavras, pois o povo ouve, em geral, uma sílaba acentuada no fim; é assim também que eu ouço o seu canto.

Há alguns nomes que são constituídos por quatro sílabas, mas com acento na penúltima; neste caso, a última sílaba, como representação do seu canto, quase não se ouve:

par-pa-lhá (ça)!
car-ca-lhó (ta)!

e o mesmo deve acontecer a certos termos estrangeiros citados por Piel. Outras sílabas são formadas por vogais com que se pode fazer a contracção, pronunciando mais depressa.

Quanto ao termo *codorniz*, que é entre nós o mais geral, vem da palavra latina *coturnice* que o gramático Paulo Festo considerava já uma onomatopeia, dizendo que assim se chama pelo som da sua voz (58).

Já Leite de Vasconcelos (59) diz que em Nisa, quando quer arremedar a voz da codorniz, o povo pronuncia *codorní*, *codorní!*

Mas este termo existente em Portugal tem outros paralelos em Espanha, segundo uma lista de nomes desta ave, publicada em 1947 (40):

Em Palência, Carrión, diz-se *ciadarniz*; em Salamanca, Nava de Yeltos, *codorní*, e em Robleda *cogorniz*, em Zamora, Requejo, *cogorní*; na Catalunha, Barcelona, *codorniu*; em Múrcia, Alcantarilla, *cobernis*; e na Andaluzia, formas abreviadas em La Zúbia, *corniz*, e em Guéjar Sierra, *cornís*.

Como muitas outras aves a codorniz emite um canto que se pode esquematizar com qualquer dos nomes dados, pronunciado com sílabas distintas, mas num curto espaço de tempo: *cal|co|ré!* *cas|ca|lhó!*, etc., ou então cada uma destas palavras repetidas: *cal|co|ré!* *cal|colré!* *cal|co|ré!* ou *cas|ca|lhó!* *cas|ca|lhó!* *cas|ca|lhó!* e assim para os outros casos. É o que, exactamente, se dá com o canto do *chapim* e de algumas outras aves.

A interpretação dada ao seu canto varia com as regiões

(58) — Apellatur a sono vocis — in *Estudios sobre as Onomatopéias*, pág. 165, de R. de Sá Nogueira.

(59) — Rev. «Portugale» VII. 4.

(40) — Trabalho publicado in *Rev. de Dialectologia y tradiciones populares*, tomo III, pág. 111-112, de Juan González y González.

e até com as pessoas. Rodrigo de Sá Nogueira ⁽⁴¹⁾ diz que, quando tinha dez anos, interpretava o canto desta ave por *rau, rau; rau, rau; ticalaz, ticalaz*.

Quanto à primeira, não se me apresenta possível, pois o canto distingue três sílabas separadas e a última bem martelada; a segunda está certa; pode, sem dúvida, ouvir-se assim, ou, como diz o citado autor na sua última interpretação, *capataz, capataz, capataz*.

Júlio de Lemos ⁽⁴²⁾, citando Marla Angelina e Raúl Brandão em «Portugal Pequeno», diz que o canto da *calculé* é *tem-te-lá, tem-te-lá*; citando Augusto Granjo, H. Galvão, F. Cruz e A. Montês, diz o *cantar* da codorniz ⁽⁴³⁾; na página 47 do seu «Dicionário» diz o *gemer* da *corculher*; no seu «Suplemento», pág. 27, diz o *paspalhós - paspalhós* da codorniz, segundo Leite de Vasconcelos.

O seu canto traduz, por vezes, conselhos de economia rural, como diz João da Silva Correia, referindo-se ao chapim, ou incitações ao trabalho; é claro que estas interpretações estendem-se a outros povos que consideram como nós as searas uma fonte de riqueza, onde o lavrador vai buscar algum rendimento: fr. *pave-fes-dettes*; prov. *tres-per-un*; sardo *tre (s) — potrè (s)*; baixo-alem *weck-den-knecht* («acorda o criado»); *bücke-den-rück* («dobra a espinha»); austr. *bek-pedell* («paga ao bedel»), etc. ⁽⁴⁴⁾.

Morán ⁽⁴⁵⁾ diz que, quando as searas estão já sazoadas e, portanto, em condições de segar, esta ave canta no meio delas, dizendo: *Buen pan hay, buen panay; huésped, huésped; córtala, córtala; pálpala, pálpala e cáscale, cáscale*.

No inquérito que fiz sobre as aves, em Ferreiros (Geraz), concelho da Póvoa do Lanhoso, o Senhor Manuel de Almeida informou que a *calcoré*, no tempo dos centeios, diz: *tem-te lá! tem-te lá!* para que a deixem chocar e criar os filhos à vontade.

Paulino de Oliveira ⁽⁴⁶⁾ informa que esta ave é conhecida em Penafiel por *temtelá* (sic), citando os outros nomes vulgares por que é conhecida no nosso país: *codorniz, paspalhão*

⁽⁴¹⁾ — *Estudos sobre as onomatopeias*, pág. 50.

⁽⁴²⁾ — *Pequeno Dicionário Luso-Brasileiro de Vozes de Animais*, ed. da Rev. de Portugal, Lisboa, 1945, pág. 35.

⁽⁴³⁾ — Júlio de Lemos — *Opus cit.*, pág. 46.

⁽⁴⁴⁾ — Joseph M. Piel — *Opus cit.*, pág. 63.

⁽⁴⁵⁾ — César Morán — *Lenguaje de la fauna traducido al castellano* in «Rev. de *Dialectología y tradiciones populares*», tomo III, 1947, pág. 74.

⁽⁴⁶⁾ — Paulino d'Oliveira — *Aves da Península Ibérica e especialmente de Portugal*, Coimbra, 1910, pág. 154.

e *paspalhás* (Norte de Portugal); *carcalhota* (Coimbra); e, segundo Tait, *calcaré* e *qualquaré* (Braga); e *cracolé* (Pedras Rubras e Matozinhos).

Como já disse atrás, o termo *paspalhão* é usado também na região de Aveiro e não só no norte de Portugal.

Leite de Vasconcelos, o incansável investigador da nossa linguagem, referiu-se aos nomes desta ave em vários trabalhos: não só na «Revista Portucale», VII. pág. 4, já citada, mas ainda nos seus «Opúsculos». Aí⁽⁴⁷⁾ afirma ter ouvido em Guimarães, para a codorniz, os nomes *airão* e *calcoré* (cal-cu-ré) e diz que, com esta palavra, se pretende imitar a voz da ave. Ainda no mesmo volume, pág. 478, o autor diz que, *calcaré* é termo por *calcoré* (este usado em muitas outras terras do Minho) que se ouve em Penafiel e Paços de Ferreira, e chama ainda a atenção para *carcareia*, no opúsculo «O penedo de S. João» (Monumento à bem-querida)⁽⁴⁸⁾, afirmando ser de origem onomatopaica. O termo *codorniza* foi também fixado pelo autor, em Paços de Ferreira, a par de *calcaré*⁽⁴⁹⁾.

Na mesma obra, ao estudar a «Linguagem popular de Baião»⁽⁵⁰⁾, fixou o termo *curculhér*, e, dizendo ser ave semelhante à *codorniz*, manda confrontar com *calcoré* do Minho. Não me parece, no entanto, ser ave diferente e o mesmo pensam João da Silva Correia⁽⁵¹⁾, Rodrigo de Sá Nogueira e Joseph Piel.

O «Dicionário de Português» de Almeida Costa e Sampaio e Melo dá ainda os termos *calquiré* e *calhota* (cfr. *carcalhota*).

O nome desta ave em francês é *caille* (com as variantes *courcailler*, e *courcaillet*, além das citadas por Piel no seu trabalho) e o canto é formado sobre o próprio nome: La caille *carcaille* ou *margotte*.

A propósito do canto da codorniz *tem-te lá*, não quero deixar de citar o que, no domínio da criação popular, levou à existência de certas lendas que nos ajudam a confirmar a sua origem onomatopaica. Assim, João da Silva Correia no seu

(47) — Leite de Vasconcelos — *Opúsculos*, vol. II, pág. 236.

(48) — Leite de Vasconcelos — *O Penedo de S. João* (Monumento à bem-querida) pág. 22, Porto, 1877.

(49) — Leite de Vasconcelos — *Opúsculos*, vol. II, pág. 516.

(50) — Leite de Vasconcelos — *Opúsculos*, vol. II, pág. 384.

(51) — Rodrigo de Sá Nogueira — *Estudos sobre as Onomatopéias* Lisboa, 1950, pág. 50.

trabalho sobre os sons e ruídos naturais, dá-nos uma narrativa colhida no Porto:

«Um soldado cheio de saudades da família e da terra, quis fugir uma madrugada do quartel. Conseguiu realmente sair sem que a sentinela o visse. A pouca distância, porém, uma codorniz canta: *Tem-te lá! Tem-te lá!* E logo o soldado, julgando tratar-se de uma intimação da sentinela, regressava ao quartel» (52).

Como já vimos, Leite de Vasconcelos, no vol. II dos «Opúsculos», registou em Paços de Ferreira os termos *codorniza* e *calcaré*, mas noutra obra (53) cita um conto em que aparece a designação *tem-te lá*, para o canto desta ave, nessa mesma povoação:

«A codorniz passando um dia por certo sítio, viu o sapo à porta do seu covil, e como ele só tivesse visível a cabeça, a codorniz encantou-se da beleza dos olhos dele e pediu-lhe que saísse para fora; o sapo obedeceu, mas a codorniz aterrou-se tanto com a figura dele, que se retirou bradando: *Tem-te lá! Tem-te lá!*»

Leite de Vasconcelos diz ainda que, a partir daí, se acredita que veio a forma do seu canto; mas não é difícil concluirmos que essa ideia resulta de uma informação popular, pois a lenda foi com certeza criada a partir desse nome vulgar.

A *Encyclopédie par l'image* (54) apresenta uma fotografia com um casal de aves com a seguinte legenda:

Perdrix grise — La perdrix niche dans les prairies ou dans les céréales. Son chant peut se traduire par «titrhuit.»

O fascículo português correspondente, publicado pela Lello, traz a mesma fotografia e a respectiva legenda, traduzida da seguinte maneira:

«Codorniz — Construe o ninho nas veigas e searas. Na linguagem popular o seu canto é reproduzido pela expressão: *paspalhoz, tem-te lá!*»

Na página 18 do mesmo fascículo, lê-se o seguinte: «Cependant que la caille toute rondelette, scande ses phrases courtes que les paysans ont interprétées comme un avertissement du créancier qui les menace... «Paie tes dettes... paie tes dettes...»

(52) — João da Silva Correia — *A interpretação verbal de sons e ruídos naturais*. In *Bhilos*, vol. II, pág. 584.

(53) — Leite de Vasconcelos — *Tradições populares de Portugal*, Porto, 1882, pág. 141.

(54) — *Les Oiseaux*, Hachette, Paris, 1927, pág. 8.

No fascículo português, na mesma página, o tradutor escreve: «Depois, ouvimos as frases curtas e pausadas da rechonchuda codorniz, que a gente da província traduz desta maneira: *«paspalhoz, tem-te lá, paspalhoz, tem-te lá.»*»

Ora a *perdiz cinzenta* é uma ave algo diferente da codorniz; evidentemente que a cor das suas penas contribui para o seu nome, enquanto a codorniz tem, como cor predominante, o castanho. As frases francesas acima citadas não nos dizem que é a mesma ave. O tradutor é que assim o imaginou, talvez pela semelhança das aves da fotografia com a codorniz. Impõe-se sempre a necessidade de conhecer a *coisa*, neste caso um animal.

O Abade de Baçal recolheu nas suas «Memórias» os seguintes provérbios que nada têm que ver com o nome da ave, e simplesmente provam que a sua carne não é para desprezar e parece ser superior à das outras aves, quando não à de outros animais, se posta em confronto:

«Caldo de perdiz, carne de codorniz»

e ainda outro em que ela só não é superior à carne de porco:

«Das carnes o carneiro, das aves a perdiz e, sobretudo, a codorniz; mas se o porco voara, não havia carne que lhe chegara.» (55)

Numa comparação da mulher, na sua evolução fisiológica, surge-nos um outro provérbio de carácter nitidamente popular, pelo realismo do conceito:

«A mulher aos quinze anos é codorniz, aos vinte perdiz, aos trinta vaca e aos quarenta caca.» (56)

Quanto à carne desta ave pertencente aos *Phasianidae* ou, segundo Sagarra (57), aos *Tetraonidae*, e que constitui presa fácil, é succulenta e muito apreciada.

Conclusão

Admitindo, com Piel, que as formas *coacula* e *quacquara* perduram em certas denominações para esta ave; considerando algumas delas de carácter puramente onomatopáico, portanto difícil de explicar quanto aos elementos de composição, atrevo-me a propor alguma coisa de novo.

(55) — Francisco Manuel Alves — *Memórias*, tomo IX, pág. 31.

(56) — Francisco Manuel Alves — *Memórias*, tomo IX, pág. 32.

(57) — Ignacio de Sagarra — *Atlas de las aves de Fauna Europea*, 4.ª ed. 2.ª parte, pág. 18, n.º 32, Barcelona, 1955.

Segundo uma nota de Piel (58), o Dr. Paiva Boléo deu-lhe o termo *coturroa*, à acerca do qual aquele autor não fez qualquer comentário. Ora, não aceitando eu a hipótese de Piel de que para as formas com *cal* — se poderia pensar numa possível influência do verbo *calcar* com o sentido de *agachar*, *acocorar*, aproveito, no entanto, o sentido destes verbos para tentar a explicação da palavra *coturroa*.

A codorniz é uma ave curiosa; a sua plumagem escura confunde-a com a terra; une-se a esta, quando se sente perseguida, levantando voo em caso extremo, mesmo debaixo dos nossos pés; é o instinto de defesa do próprio animal, auxiliado por essa particularidade com que a Natureza a dotou, pois, no ar, em virtude do seu voo em linha recta, não se pode defender do ataque. É, pois, a terra que a *agacha*, que a *esconde*.

Admitindo que a palavra *coturroa* não é onomatopaica e que tem na sua formação um elemento proveniente do latim *coturnice*, como explicar a terminação do vocábulo? Não teriam a palavra *terra* e seus derivados *terrão* e *terroa* (pop. *torrão* e *torroa*) influenciado essa terminação?

A codorniz é pertinaz antes de levantar do terreno em que se encontra; obstina-se em se esconder, e só se mostra ou para não ser calcada ou para não ser agarrada pelos cães que a perseguem. Já uma vez ouvi dizer a um caçador: «As codornizes são *caturras*, e agarram-se muito ao chão». Em Gens, da freguesia da Foz do Douro, e em todo o concelho de Gondomar, usa-se o termo *turrona* para indicar que uma pessoa é teimosa, *caturra*. Será que a palavras *caturra* e *turrona* terão exercido alguma influência?

Entre estas duas hipóteses opino pela primeira. Piel diz «que as formas com *p* — *p* se afastam dos prototipos latinos, participando de uma tendência geral, particularmente pronunciada nas línguas da Europa oriental, para caracterizar o canto da codorniz através de uma dupla e enérgica oclusão labial» (59).

Pois bem; essa característica das línguas da Europa oriental pode não verificar-se em Portugal, país do extremo ocidental desse continente, ou só verificar-se parcialmente; em que me baseio? Aceitando a teoria das *áreas laterais* de uma maneira relativa, na minha experiência da vida do campo, conhecendo o meio onde habitualmente se encontra essa ave. É nos milharais, nos trigais, nos arrozais, nas searas do centeio, cevada, aveia, etc., que ela normalmente se encontra, aí nidifi-

(58) — Joseph M. Piel — Opus. cit., pág. 63, nota 14.

(59) — Joseph M. Piel — Opus. cit., pág. 61.

cando e criando os filhos; é portanto entre *palhas* que ela costuma viver. Sagarra ⁽⁶⁰⁾ diz que a codorniz, *Coturnix coturnix* (Linn) se chama, na Catalunha *guatlla* e que «anida en los campos de trigo y otros cereales. El macho tiene un canto monótono y fuerte que se oye desde que amanece. La hembra emite un débil silbido.»

Dada a confirmação da sua vida entre as searas, não poderemos admitir, na formação das palavras *parpalhó*, *parpalhós*, *parpalhás*, *parpalhaça*, etc., para o segundo elemento, a forma latina *palea*?

À excepção da parte terminal da palavra, que seria pura onomatopeia, ligada ao seu canto, os outros dois elementos podem, na verdade, indicar-nos uma ave que passa a maior parte da sua vida entre as *palhas*; aliás Piel citou o termo *palhaça* ⁽⁶¹⁾ para dar a formação de *parpalhás* e *parpalhaça*, por associação de ideias, e não se lembrou de dar o significado de *palhaça*, como adjectivo, querendo dizer *de palha*, por exemplo, na frase: *as casas palhaças dos negros*, e associando então aos lugares preferidos pela ave em questão.

Partindo da imaginação criadora do povo, temos de contar quase sempre com o que se não apresenta como possível, e daí o interesse que estes assuntos me têm despertado; a codorniz é muito semelhante a uma *franga*, a uma galinha pequena mas nova; aliás não nos deve admirar porque é uma gallinácea. O que é certo é que o povo do norte da Bairrada e de outras partes do país, além de lhe dar algumas denominações onomatopáicas já citadas, também lhe chama *pitinha*, não referindo-se ao canto ou ao melo onde vive, mas à comparação que dela se pode fazer com uma *pintafinha*.

Outras comparações referentes à configuração com outros seres aparecem também em nomes de outras aves, o que, em outros artigos, mostrarei.

⁽⁶⁰⁾ — Ignacio de Sagarra - «*Atlas de las aves de la fauna europea*» 4.^a ed., 2.^a parte, pág. 18, n.º 32, Barcelona, 1955.

⁽⁶¹⁾ — Joseph M. Piel — Opus. cit., pag. 62.

Anexo nº 5 c

TAVARES SIMÕES CAPEÃO (ANTÓNIO): *Nomes populares do chapim e da codorniz*. Sep. del número 237 de la revista «Labor». Aveiro 1965, 21 pp. en 4.º.

He aquí la comunicación que el joven Prof. Tavares Simões presentó al Coloquio de Fonética y Lingüística peninsulares en el XXVII Congreso Luso-Español para el Progreso de las Ciencias, reunido en Bilbao del 20 al 24 de julio de 1964. Recoge multitud de nombres, principalmente onomatopéyicos, de las dos aves mencionadas en el título. Y, tras agruparlos en series fonéticas, procura explicarlos con la ayuda, no sólo de una abundante bibliografía de los diferentes países románicos, sino con la de interesantes leyendas y cuentos populares, recogidos por el autor mismo, que corroboran el carácter onomatopéyico de los nombres y contribuyen eficazmente a su interpretación.—J. P. V.

bibRIA

Anexo nº 4 (d)

MANUEL DE OLIVEIRA FÁRIA

PROFESSOR EFECTIVO DO LICEU

R. ENG.º ARANTES E OLIVEIRA, 10

TEL. 24238

BRAGA

Bray., 14/10/65

Meus amigos:

Recibi o seu trabalho, que muito agradeço. Já o tenho lido no "Lêdo", com alguma preocupação espiritual que sempre experimento, quando me presencio a literatura e as literaturas de estrangeiros caminhar de de um lado para o outro, de um lado para o outro.

bibRIA

Beleza. Lido com todo o gosto e felicitos vivamente. Espero a oportunidade para enviar-lhe a minha biblioteca.

Atenciosamente o Colega muito feliz,
Manuel Faria

Anexo nº 5 e)

UNIVERSIDAD NACIONAL DE CUYO
FACULTAD DE FILOSOFIA Y LETRAS

INSTITUTO DE LINGÜÍSTICA

P. MENDOZINAS 605
MENDOZA
(REP. ARGENTINA)

Instituto de Lingüística
Patricias Mendocinas 605
Mendoza, 6 de abril de 1967

Prof. António Tavares Simões Capão
Rua dos Combatentes da Grande Guerra, 16
Aveiro, Portugal.

Distinguido Prof.:

Me es grato acusar recibo de:

"Nomes populares do chapim e da codorniz"; Separata del Nº 237
de la Revista Labor, Lusitania - Aveiro, 1965.

Muchas gracias por el envío de este trabajo que
mucho he de utilizar en un estudio que estoy preparando sobre las
designaciones de la codorniz en el Noroeste de la Península Ibéri
ca.

Hago propicia la oportunidad para saludarlo con
cordial estima.

fy de obras
andunaly

Dr. F. Krüger
DIRECTOR

Anexo nº 5 f)

«Nomes populares do Chapim e da Codorniz» - de António Tavares Capão

por JOSÉ DE MELO

Temos na frente uma separata da *Labor*, revista que tantos serviços tem prestado ao País e onde têm colaborado estudiosos cujos nomes, felizmente, andam já na boca de todos e, mais do que isso, são de citação obrigatória em obras de especialidade, no domínio da investigação científica. Insiste-se:

são de citação obrigatória, em obras de especialidade, no domínio da investigação científica. Já lá vai o tempo em que se dizia «letras são treitas», e em que por letras se compreendiam tanto o poema como o romance, quer o ensaio literário quer o trabalho de investigação linguística. Na verdade, o poema, o romance, o ensaio, a investigação linguística — todos o reconhecem já, — não são meros pitudos de ciscos: são, aquém e além do mais, vida; e a vida é sempre importante, quaisquer que sejam os aspectos por que se manifeste. E que mais importante do que a expressão, se é por ela que a nossa comunicação não apenas se significa mas mais se define, se precisa? E o romance, o conto, a poesia, o poema, o estudo de palavras, a peça de teatro, tudo isso a que os velhos resistentes encolhem os ombros, — tudo isso não é, não somos ainda nós, não é a vida a definir-se, a manifestar-se?

Estamos a sair para fora do que nos propomos, bem o sabemos. Mas estamos, infelizmente estamos, infelizmente temos de estar ainda a reivindicar, a chamar a atenção para o papel, o importante papel que desempenham as manifestações da vida do espírito na vida em geral. Estas notas preambulares são ainda, e infelizmente, necessárias, por muito optimistas que sejamos em relação ao nosso querido, admirável tempo: o tempo das grandes investigações científicas, das aventuras no espaço, da música dodecafónica, das grandes revoluções arquitectónicas, das deslocações de linhas de força, — supersónico, humanamente ultra-humano, tempo de grandes revoluções espirituais também, no qual os *Matar et Magistra* se conseguem fazer ouvir, são mesmo cuidadas, ao lado das manifestações *héi*, das angústias *beat*, das violências *angry young men*. Voltemos, porém, à separata da revista *Labor*, separata intitulada *Nomes Populares do Chapim e da Codorniz*, da autoria do ilustre Professor Dr. António Tavares Capão.

A *Nomes Populares do Chapim e da Codorniz*, — comunicação do Dr. António Tavares Simões Capão apresentada ao Colóquio de Fonética e Linguística Peninsulares, no XXVII

Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, realizado em 1964 em Bilbao, — interessa-lhe, essencialmente, o estudo dos nomes vulgares de certas aves em Portugal, e, não desprezando aqueles que indicam os interesses mais variados do nosso povo, de região para região, os nomes que o mesmo povo foi buscar aos seus variados cantos, quer dizer, de origem onomatopáica. Profundamente documentado e acrescentando uma escrupulosa nota final que insere a indicação de trabalhos que não haviam sido consultados ou que não tinham aparecido aquando da elaboração do estudo, o trabalho do Dr. António Capão constitui um precioso contributo para a nossa investigação, no domínio da linguística. A lido dos grandes atlas linguísticos nacionais, internacionais e regionais, ao lado dos vocabulários dialectais, trabalhos monográficos, parcelares, como este, pela sua análise em profundidade, de determinados aspectos, mostram que abstracções são certas chamadas «*héi fonéticas*» e «*quero errotões*» são algumas generalizações apressadas, no âmbito da onomasiologia. Escreitamente ligada com a corrente *Wörter und Sachen*, e como a *geografia linguística*, aquela, estudando as várias e diversas denominações de objectos e concretos, — neste caso as várias e diversas denominações populares do *chapim* e da *codorniz*, — demonstra claramente que a linguagem não é uma manifestação estática mas envolve uma dinâmica criativa em que, por vezes, a análise sincrónica desmente as aparentemente mais seguras conclusões aferidas pelo método diacrónico.

Apenas duas notas, agora: uma, para salientar o reparo que o Dr. António Capão faz a um trabalho português que segue a *Encyclopédie par l'image*, e, desde já, se chama a atenção dos editores portugueses em referência na separata da *Labor* nº 237; a outra nota é para salientar a necessidade do conhecimento dos objectos, preconizada pela corrente-movimento *Wörter und Sachen*, — necessidade que António Tavares Capão põe em evidência e que gostaríamos de ver sempre atendida em trabalhos do género.

~~~~~

## Anexo nº 6

## Breve anotação sobre as onomatopeias das aves nos nossos quintais

Já lá vão mais de trinta anos que levámos ao Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Bilbau, 1964), uma comunicação sobre os nomes dados pelas pessoas do povo a duas aves que vivem entre nós: o chapim e a codorniz. É evidente que as muitas designações que registámos então eram de origem onomatopaica.

Trata-se de um processo de formação de palavras que se baseia essencialmente na imitação. São palavras imitativas, pois com elas se pretende imitar, por meio dos fonemas de que são formadas, o canto das aves, o som dos instrumentos, o barulho das máquinas, os ruídos da própria natureza. Tentativa de imitação, a onomatopeia é sempre uma aproximação, nunca poderá ser uma reprodução exacta.

A imitação das variações de tonalidade dos ruídos em geral e do canto das aves em particular, permitiu às pessoas do povo, que normalmente as ouvem, criar palavras a que se pode atribuir um significado: o tic tac do relógio, o trrim da campainha - que são onomatopeias puramente fonéticas; o tern-te-lá (codorniz), o semeia-milho ou cava-a-vinha (chapim), etc. que são exemplos de onomatopeias fonético-ideológicas como o som do movimento do comboio: pouca-terra, pouca-terra. Assim, poderá aparecer tanto uma palavra só: tintão, cascalhó, como até frases completas: semeia-linho, estou fraca/estou fraca, foguetes de três-três (ou de tróis-tróis) e de pum e de três puns.

Apresentamos a seguir alguns exemplos de palavras onomatopaicas utilizadas com frequência na nossa região.

Cândido de Figueiredo registou, na 10ª edição do seu "Dicionário da Língua Portuguesa", a palavra criò, usada exclusivamente em muitas aldeias da Bairrada, para designar a fêmea do cuco. Dizemos em algumas aldeias porque noutras é conhecida por criòca (Palhaça.).

O Dr. Rebelo Gonçalves, Mestre da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, prestou atenção à palavra registada, que ele próprio não era capaz de explicar; por isso, pediu auxílio ao intelectual e amigo Dr. José Pereira. Tavares que, por sua vez, nos incumbiu desse esclarecimento.

Quanto a nós, o termo criò é uma onomatopeia fonético-ideológica. A razão por que assim pensamos é a seguinte: após a postura no ninho de outra ave mais pequena, a fêmea do cuco solta um canto que o povo interpreta como uma ordem: criò, isto é, cria-o, cria-o, cria-o; ora, contraindo, na pronúncia, a forma verbal imperativa com o pronome pessoal, surge o nome por que é designada crio.

Outra designação onomatopeica desta região, que não foi registada por Joseph M. Piel no seu estudo "Os Nomes Populares da Codorniz", é a palavra cascalhó que, em algumas povoações, é conhecida por paspalhás, paspalhão e tem-te-lá.

Sarrazina é o nome popular do cerezino, o nosso pequeno canário, cujo canto é uma longa sucessão de sons sibilantes e vibrantes muito ligados, que correspondem ao verbo sarrazinar.

Algumas aves muito conhecidas entre nós estão implícitas em lendas, particularmente relativas à fuga de S. José e da Virgem Maria com o Menino para o Egipto.

A conversa entre os soldados que procuram o Menino com algumas destas aves é um mimo de ternura e de inocência populares. Enquanto a alvéola, atarefada, procurava apagar as pegadas da burrinha, o cartaxo ou chasco, pássaro de canto rude e desagradável, revelava aos soldados:

- Chás, chás, chás! Por aí bem vás...

A cuja informação se opunha o pisco, solidário com a fuga:

- Pis, pis, pis! Para que mentis?

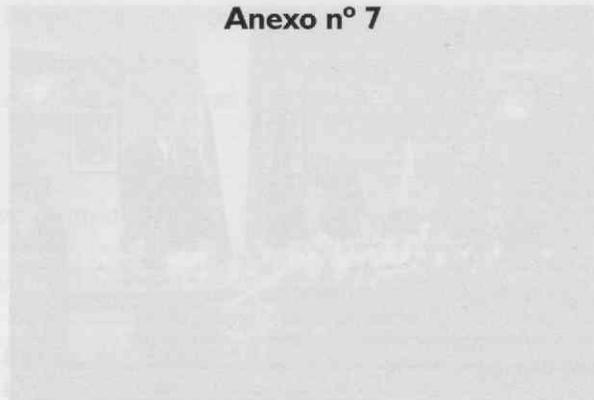
Entretanto, a chocalheira codorniz, acompanhando o andamento, anunciava:

Cá vai! Cá vai! Cá vai!

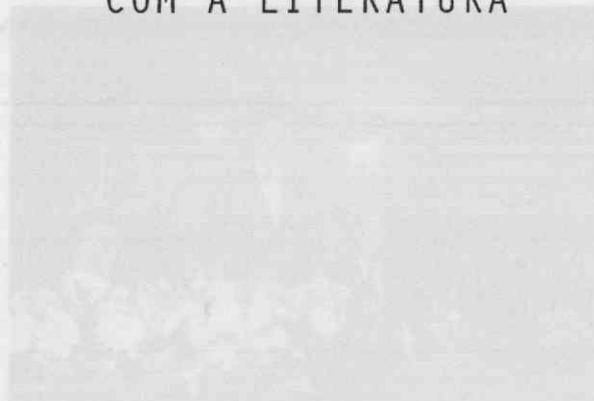
Registos que são memórias em memória de quem já não pode ler<sup>(1)</sup>. Mas para quem ainda puder e quiser fazê-lo, tem, pelo menos, a informação de Rodrigo de Sá Nogueira que foi um apaixonado por estes temas, tendo escrito e publicado dois trabalhos notáveis que indicamos em nota<sup>(2)</sup>.

Referência a José Maria Marques, morto num trágico acidente em França.  
Nogueira, Rodrigo de Sá - "As Onomatopeias e o problema da Linguagem", Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1950  
Idem - "Estudos sobre as Onomatopeias", Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1950.

**Anexo nº 7**



**AS AVES, A NATUREZA  
E AS SUAS RELAÇÕES  
COM A LITERATURA**





No salão nobre dos Paços do Concelho de Oliveira do Bairro, constituição da mesa que presidiu à realização da palestra sobre "As Aves, a Natureza e as suas relações com a Literatura", proferida pelo Dr. António Tavares Simões Capão. Presidiu o Dr. Acílio Domingues Gala, Presidente da Câmara Municipal, tendo, à sua direita, o palestrante e José Maria Marques; à sua esquerda, o Presidente do Rotary Club de Oliveira do Bairro, Fernando Paiva de Castro faz a apresentação do conferencista, tendo à sua esquerda o vereador Elísio Mário de Albuquerque Martins.



Sessão em que foi proferida a palestra "As Aves, a Natureza e as suas relações com a Literatura", presidida pelo Dr. Acílio Domingues Gala, Presidente da Câmara Municipal de Oliveira do Bairro, encontrando-se à sua direita o palestrante, Dr. António Tavares Simões Capão e, à direita deste, José Maria Marques Presidente do Rotary Club de Águeda e do Grupo Folclórico da Região do Vouga.

## Plano ideológico do tema

As Aves, a Natureza e as suas relações com a Literatura.

1. Palavras introdutórias
2. As aves na literatura
  - a) "Os Pássaros" de Aristóteles
  - b) Os Fabulistas
  - c) Dois autores franceses: Chateaubriand e Michelet
3. Um primoroso autor português: Carlos Amaro e o seu "S. João subiu ao trono"
4. Uma obra sobre **pássaros** do antigo património cultural português.
5. A Ciência ornitológica e os livros de taxonomia
6. As aves e a nossa linguagem falada

## AS MINHAS AVES (1)

A criptoméria à beira da capela  
É a gaiola mais livre do jardim;  
Poisa o melro, o pisco e o chapim,  
Cujo canto admiro da janela.

A meiga toutinegra assobiadora,  
O pintassilgo, alegre dançarino,  
Dão som à luz do sol em vespertino,  
Criando uma ambiência sonhadora.

Do verdelhão, fundido na verdura,  
Vem seu brilho amarelo sobre as asas;  
Dos buracos das balsas e das casas,  
Lança a carricha um hino de ternura.

O tentilhão, com toque de sineta,  
Pousa suave nas ramas ressequidas;  
E as suas cores, no espaço erguidas...  
Aguarelas em cena de opereta.

Esta é gaiola de versos construída,  
Tem o valor da ampla liberdade;  
Olho-a sempre com vista estremecida  
Porque revela paz, serenidade.

Nov. 1995

---

1) A leitura deste poema introduziu o assunto do estudo-palestra, em sessão realizada no Salão dos Paços do Concelho de Oliveira do Bairro, a convite do Rotary Club de Oliveira do Bairro, a 26 de Abril de 1997.

*Minhas Senhoras e meus Senhores*

AS AVES, A NATUREZA E AS SUAS  
RELAÇÕES COM A LITERATURA

Vou falar-vos de um tema que, considerado, à partida como comezinho, parece banal... mas não é. Ocupar-vos-ei algum tempo, se estiverdes nessa disposição, pois penso que não será de todo inútil.

Façamos, por uns momentos, tréguas nesta vida frementemente agitada que nos ocupa quase minuto a minuto, que nos não deixa descansar tanto quanto precisamos na lufa-lufa diária das nossas ocupações prementes, em que as noites, mal ou bem dormidas não são suficientes para nos restabelecemos e podermos relegar para segundo plano as nossas preocupações, na intenção pragmática de tudo conseguirmos e de realizarmos todos os nossos planos que a vida materializada vai exigindo ao mínimo pormenor.

Deixemos, por agora, a materialização das nossas disposições para nos entregarmos ao relaxe dos nossos nervos e não termos oportunidade para invocar o *stress*, a grande doença psicológica dos nossos dias. Meditemos no abandono voluntário no meio de uma natureza vivificante e tomemos, como tónico alimentador do espírito,

a vida das aves no seu ambiente natural, a beleza das suas colorações, a satisfação natural das suas necessidades primárias, a alegria espontânea dos seus deliciosos cantos em momentos que podemos considerar de felicidade, deixemos correr o tempo e questionemos toda a nossa pressa na realização das nossas tarefas.

Precisamos de amparar, compreender e defender todos estes seres alados que se agitam à nossa volta, que fazem parte integrante da natureza como elos biológicos imprescindíveis e que não passaram despercebidos nem desconhecidos a muitos homens de bom saber que se debruçaram sobre eles, os estudaram e deles nos dão conta de maneira clarividente e magistral.

Penso que devemos defendê-los com toda a força da nossa alma, para além de todas as correntes ideológico-políticas em que, por vezes, muito se fala mas não se vai além das palavras. É que as aves conseguem dar-nos lições metafóricas de sabedoria que o mais requintado filósofo não seria capaz.

Elas não fiam nem tecem e, como os lírios do campo, nem o próprio Salomão se vestiu como elas; não semeiam e não colhem e, por ventura, pouco lhes faltará do seu necessário sustento.

Sinto-me orgulhoso por ser filho de lavradores, por ter nascido numa aldeia que foi, durante muito tempo, uma povoação essencialmente rural e agrícola.

Cresci no meio da natureza e sempre tive a possibilidade de observar tudo o que fazia parte da realidade desse mundo, tão cheio de ensinamentos espontâneos, tão cheio de riquezas específicas que não são dadas a admirar a todos os seres humanos, mormente àqueles que se enredaram nos sistemas sociais urbanos, dentro dos quais executam diária e exclusivamente as suas funções.

Foi meu pai que me ajudou a olhar com carinho para os campos, para as plantas, para os vários tipos de animais e, dentre estes, para os que mais animam e mais embelezam a natureza - as aves, sem excepção.

Os coelhos, as lebres, os texugos, os ouriços-cacheiros, as raposas, as doninhas, os musaranhos, as cobras, os sardões, as sardaniscas, os liscanços, as rãs, os sapos, as salamandras, os tritões, os peixes-sapos, as sanguessugas, as aranhas e a grande variedade dos insectos: os ralos, as borboletas, as libélulas, os alfaiates, os escaravelhos, etc, todo esse grande reino que se agita febrilmente na luta pela vida, que afina a nossa curiosidade, que desperta a nossa atenção, que ilustra e alegra este nosso mundo de que o homem, insensato, não tem feito outra coisa senão destruir, desalojando-os dos seus espaços naturais, obrigando-os a retirar-se para outros espaços que lhes são menos propícios e quebrando os elos da cadeia biológica, tão necessários para a manutenção das espécies.

De muito longe, no tempo, o homem veio criando lendas sobre alguns deles, as quais lhes foram, na maior parte dos casos, altamente adversas.

A seu bel-prazer, o homem inventou cativeiros para quase todo o tipo de animais, lugares onde os instalou à revelia das suas prementes necessidades, a troco da comida que lhes dá, mas fazendo-os sofrer, porque, na maioria dos casos, esses ambientes estão longe de satisfazer a precisão vital imediata de que eles usufruíam em liberdade.

Nenhum animal, inclusivamente o homem, sente gosto ou felicidade em viver em cativeiro. Seja uma bela e rica gaiola para quaisquer aves, uma limpa e adornada jaula para qualquer felino, um bem delineado parque, mas limitado, para qualquer herbívoro, um lago artificial para golfinhos, focas, morsas e quejandos, tudo são prisões, tudo são forçadas liberdades e crimes contra a natureza, ainda que os queiram justificar com a salvação das espécies, com o rótulo de lugares apazíveis, de prazer, e de estudos científicos. De facto, qualquer chamado jardim zoológico é uma grande prisão, onde, compartidamente, se conservam as variadas espécies animais que à força para ali foram trazidos e ali estão com actividades de vida sempre precária.

Qualquer símio, qualquer leão, qualquer tigre, qualquer leopardo, qualquer crocodilo, qualquer impala, qualquer búfalo, perdem ali a majestade do seu reino e a grandeza imponente de seus estados naturais.

## 2. As aves na literatura

a) Aristófanes (452 – 380 a. C.), grande comediógrafo grego, fez da sua comédia obra de combate contra os vultos mais importantes da sociedade de Atenas e utilizou algumas aves numa das suas obras mais consideradas - "Os Pássaros" - onde parodiou certas utopias em voga, particularmente uma teogonia da Hélade, mas onde não se observam, como nas outras, alusões críticas meramente políticas.

Nesta comédia, a *Poupa* convoca as aves; *Íris* é a mensageira dos deuses; os *Gaios* mantêm a vigilância; a *Carrica* é escrava da Poupa e o *Rouxinol* é um arauto. Afinal, esta comédia de Aristófanes é uma das mais encantadoras e mais universais sátiras do poeta, onde se inserem preciosas páginas líricas.

### b) Os fabulistas

Vem-nos do fundo dos tempos um conjunto de pequenas narrativas, contos, apólogos e fábulas de origem oriental, sempre ao gosto do velho estilo metafórico, dos quais, o homem dessas sociedades poderia tirar algumas directrizes, naturalmente ligadas a mitos, para a sua vida. São conhecidas na Europa as fábulas de autores indianos como Pilpay, dos gregos Esopo, o Frígio (séc. VI a. C.), em prosa, e de Babrius, um sírio (séc. II a. C.), do latino Fedro (séc. I d. C.); dos franceses, entre outros Clément Marot (1496 - 1544), do grande artista literário La Fontaine (1621 - 1695) e do naturalista Buffon (1707-1778).

Em Portugal, Leite de Vasconcelos descobriu uma obra do séc. XV, "O Livro de Esopo", fabulário em português antigo, que é a única obra do género escrita em português medieval. Alguns escritores portugueses deram às fábulas um cunho muito particular, como a Marquesa de Alorna (1750 - 1839) e Bocage (1765 - 1805),

entre outros. Mais próximo de nós, podemos apreciar o "Fabulário" de Henrique O'Neill (1821 - 1889), as fábulas de João de Deus (1830 - 1896), as "Fábulas" de Joaquim Manso (1878 - 1956) e os "Contos" para as crianças de António Botto (1897 - 1959). Mencionamos também o "Fabulário" do célebre escritor brasileiro Coelho Neto (1864 - 1934).

Importa acrescentar aqui uma nota especialmente informativa e esclarecedora sobre o aparecimento entre nós de uma obra do plurifacetado artista florentino e grande génio da humanidade, Leonardo da Vinci (1452 - 1519). Trata-se da tradução das "Fábulas e Lendas" contadas e escritas no seu tempo, o que é notável por ter vivido muito antes de La Fontaine e, por meio destas pequenas narrativas, procurar esclarecer a noção de liberdade em todos os sentidos, tal como ele sempre ambicionara.

Em todos estes textos, as personagens são animais, muitas vezes as aves que substituem os próprios homens, com as suas virtudes e defeitos.

Ao abordar esta matéria específica, está fora de intenção tratar problemas de estética literária, das concepções filosóficas e dos objectivos morais que cada texto possa comportar como finalidade peculiar aduzida pelos respectivos autores, nas suas relações com a sociedade em que estiveram inseridos. Interessa, sim, saber que aves estão incluídas nas obras como exigência para cada caso e como representativas dos elementos da colectividade humana, defendendo ou rejeitando determinados pontos de vista e denunciando atitudes dignas de correcção ou de louvor.

c) Dois autores franceses: *Chateaubriand* (1768 - 1848) e *Michelet* (1798 - 1874)

O primeiro destes dois autores foi um inovador revolucionário na literatura francesa. Entre as suas obras, quero salientar "Le Génie du Christianisme" que é uma apologia da religião cristã e apareceu numa circunstância política especial, contra os preconceitos

racionalistas. No Livro Quinto dessa obra, apresenta a *existência de Deus provada pelas maravilhas da natureza*. Houve quem zombasse da simplicidade quase ingénuas dos argumentos aí apresentados; de facto, *o canto das aves, a perfeição dos seus ninhos e as migrações* não provam por si a divindade da religião cristã. Com efeito, trata-se de uma excelente apologética da vida cristã com a qual ele introduziu o sentimento religioso na literatura. Mas o que aqui interessa revelar é que este importante escritor colocou, nesta sua notável obra, as aves, como elemento importante na filosofia intencional dos seus raciocínios aí expostos, característica que não é alheia à literatura romântica.

Outro autor francês que importa registar aqui é *Jules Michelet* (1798 - 1874). Para além dos ideais românticos e das preocupações históricas muito próprias, ao longo de uma vida que revela algumas oscilações de pensamento e de crença, sua mulher M.<sup>me</sup> Mialaret, com quem casou em 1849, entusiasmou-o a escrever algumas obras de fantasia, como "*L'Oiseau*", onde na apresentação das aves, há páginas de muito enlevo poético que nos fazem interessar pelos pássaros que são descritos como autênticas pessoas, que nos encantam e se fazem amar por nós. É o que acontece com as belas páginas sobre a *cotovia* (*l'alouette*) que, de modo especial, mas não menos encantador nem original, nos deu o nosso delicado P.e Manuel Bernardes no "*Apólogo das Cotovias*".

3. Um primoroso autor português: *Carlos Amaro* (1879 - 1946)

Em Portugal, não foi abundante nem sequer usual, durante muito tempo, o teatro infantil e juvenil. Carlos Amaro trouxe-nos um mimo, recheado de lirismo, a que ele próprio chama *grande auto, ou mistério, em seis quadros*, ao qual deu o saboroso título "*S. João subiu ao trono*" e que ele dedica a sua filha.

Chama-se aqui a atenção para esta obra porque o *Quadro V - Na Montanha - De Manhã* é de uma delicadeza de expressão, de um lirismo rural e saudável que abranda qualquer coração mais endurecido pelas dificuldades na luta pela vida. O diálogo das personagens Príncipe

e *Pastora* a que se associam as *aves* quando toda a natureza desperta para um novo dia, tem laivos paradisíacos de alvorada fresca e luminosa. É um primor de emoção, de suavidade, de ternura campesina. (Vid. Complemento)

4. Uma obra sobre *pássaros* do antigo património cultural português.

Trata-se de um códice iluminado, formado por folhas de pergaminho, escritas em latim gótico dos fins do séc. XII. Pensa-se que é uma cópia feita por qualquer monge laurbanense de uma obra atribuída a Hugo de S. Víctor. Não é, todavia, uma cópia fiel; terá havido acrescentos, comentários, anotações do copista. Por outro lado, existe também uma tradução em português antigo do séc. XIV, que de igual modo revela algumas alterações. "Livro das Aves", como lhe chamou o estudioso Serafim da Silva Neto, está longe de apresentar unidade de assunto sobre esta matéria, visto que a exposição pode transferir-nos para outros animais e destes para o próprio homem; cruzam-se esclarecimentos e comentários da vida normal com princípios de natureza religiosa e moralista. As ligações à Bíblia e a certos Padres da Igreja dão ao "Livro da Aves" um carácter normativo e místico.

5. A ciência ornitológica e os livros de taxonomia

Se não podemos considerar "O Livro das Aves" como um tratado de ornitologia à maneira moderna, a verdade é que o podemos apontar como base para curiosos estudos sobre as aves, por algumas informações que nos dá.

São notáveis os modernos estudos que se têm vindo a fazer, baseados em observações atentas da sua vida no meio ambiente em que habitam ou que escolhem para viver, nas suas migrações, no respectivo anilhamento que se vai fazendo com grande persistência nas reservas naturais, nos registos de passagem, de nidificação, de hábitos de vida, de alimentação, etc.

Cite-se, além de outras e por estar mais próxima de nós, a Reserva ornitológica das dunas de S. Jacinto, Aveiro, onde se têm

feito trabalhos notáveis de observação e registo de várias famílias e de várias espécies.

Lembre-se o nome do que foi professor da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Doutor Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, fundador da Sociedade Portuguesa de Ornitologia e pioneiro da anilhagem científica das aves em Portugal (1). A sua grande actividade neste campo contribuiu, fundamentalmente, para o estudo e para a protecção das aves entre nós, que nem sempre compreendemos a sua grande e indispensável utilidade.

Outros trabalhos, como os de Emílio Sacarrão e tantos outros estudos dispersos e as tabelas taxonómicas, vieram trazer um interesse cada vez maior na colaboração com as actividades da Secretaria de Estado do Ambiente e dos Recursos Naturais e do Serviço Nacional de Parques, Reserva e Conservação da Natureza.

A nível internacional, têm surgido livros completíssimos sobre as aves das várias partes do mundo, os quais são verdadeiras obras de arte pelas fidedignas ilustrações das variadas aves, pelos estudos do seu *habitat* e até pelas preocupações da imitação dos seus cantos, expressa por elementos fonéticos onomatopaicos. Não podemos esquecer os modernos vídeos cujas imagens têm passado na nossa televisão e os respectivos livros que os acompanham, embora não estejamos sempre de acordo com as traduções feitas - para nós, *pisco-de-papo-vermelho* não é a mesma ave que *pintarroxo*.

---

1) Na "Revista Portuguesa de Filologia", 1966 - 1967, foi publicada uma recensão crítica minha ao trabalho deste ilustre professor "As Aves. A caça e a protecção à natureza", na qual eu abordo alguns problemas relativos às aves na nossa região.

Em 1965, foi publicada na "Labor", nº 237 (Aveiro), uma comunicação minha ao "Colóquio de Fonética e Linguística peninsulares no XXVII Congresso Luso-Espanhol para o progresso das Ciências" (1964) em Bilbao, com o título "Nomes Populares do *chapim* e da *codorniz*", de que foi feita separata.

## 6. As aves e a nossa linguagem falada

É riquíssimo este tema que pode proporcionar variados estudos de carácter linguístico. A linguagem popular está cheia de curiosas alusões às aves pelas razões mais diversas, quer a nível lexical quer semântico. Ao referir a nossa linguagem falada, não quero, de modo algum, deixar de reconhecer o altíssimo valor estético que as aves emprestam às obras dos escritores portugueses, ainda que, cada um com a sua opção apropriada ao respectivo estilo. Lembremos o rouxinol de Bernardim Ribeiro e de Garrett e muitas outras aves conhecidas e citadas por Camões, Aquilino Ribeiro e outros, como atrás já anunciámos.

Vejamos, então, alguns nomes baseados na sua *configuração*, na sua *cor* e nas *atitudes de vida*:

*Configuração*: águia-de-asa-redonda, ave-cuiña, cruza-bico, marreco, marrequinha, maçarico-de-bico-curvo, pato-colhereiro, fuselo, rabilongo, sovela, etc.

*Cor*: bico-de-lacre, canário, cegonha-branca, chapim-carvoeiro, coleiraça, pardal, pintarroxo, pintassilgo, pisco-de-papo-azul, pisco-de-papo-vermelho, negrita, toutinegra, verdelhão, etc.

*Atitudes*: criò (fêmea do cuco na Bairrada) a par de crioca, coruja-das-torres, dom-fafe, fradisco, fulosa-costureira, papa-figos, papa-moscas, papa-ratos, pica-pau, pica-peixe, pilha-peixe, peneireiro, pinta-cardeira, ribeirinha, trinca-pinhão, etc.

*Nomes populares onomatopaicos*: cagaxim, carreiol, cascalhó, chamariz, cia, cuco, paspalhão e paspalhás, sarrazina, semeia-milho, poupa, tintão, xarréu, etc.

Outrora, após o corte dos milhos, os rapazes, em especial, apanhavam centenas de avezitas com os seus costelos. Perto de Lisboa, os chamados passarinhos forneciam, em quantidade,

muitas tascas, aonde se ia, de propósito, comer o petisco do passarito e beber o tradicional copo de vinho.

As aves, como elemento importantíssimo do reino animal, constituem elos essenciais na cadeia biológica. Ora, como belos seres da natureza, não necessitam - ou não deviam necessitar - que o homem escreva sobre elas, de tal modo que se façam ser respeitadas por ele. Elas próprias, pela utilidade indesmentível que revelam, pela atracção constante que exercem, se fazem estimar, amparar, defender e amar.

Algumas, menos ariscas do que outras, aproximam-se do homem quando trata do amanho das terras, chegam-se aos bovinos para lhes catarem as moscas e outros insectos parasitas; algumas habitam-se de tal maneira ao convívio com as pessoas que até lhes vêm comer à mão em plena liberdade e fazem os ninhos ao seu alcance. É muito mais gratificante olharmo-las nos seus ambientes naturais, ouvirmos os seus cantos, captarmos as suas actividades e sentirmos o fascínio da coloração das suas penas do que mantê-las encerradas em gaiolas, qualquer que seja o espanto e o tamanho.

Pobres aves que, em vez de serem quase divinizadas, pagam com a morte os relevantes serviços que prestam à agricultura! Bem bastam os insecticidas que as dizimam aos milhares!

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Penso que acompanhei e conduzi V.as Ex.as, neste dia - 26 de Abril - e neste ano da graça de 1997 - durante este passeio cultural e de encanto e quero acreditar que pude não desmerecer a vossa generosa atenção.

## COMPLEMENTO

*Príncipe e Pastora ainda adormecidos, o Anjo e a voz do Rouxinol. Só o Luar é mais ténue agora, a diluir-se no lusco-fusco da madrugada. Canta o galo outra vez:*

*Có-co-ro-có!*

*E o Anjo, na luz matinal, começa a sumir-se, a sumir-se... Desaparece, por fim, e, com ele, o último trilo do Rouxinol.*

*O Príncipe acorda e descobre o rosto, erguendo com a mão a orla da pobre saia que lhe serviu d'abrigo. E logo a Pastora acordou também.*

*Príncipe, espreguiçando-se*

*Ah! Bons dias, Pastorinha!*

*Pastora*

*Ai! Bons dias, meu Senhor!*

*Esfregando os olhos pegados de sono*

*É já quási manhãzinha!...*

*No céu nem uma estrelinha!...*

*Pela terceira vez, o galo: Có-co-ro-có.*

*Bons dias, madrugada!*

*Príncipe*

*Inda há uma estrela, Pastora,*

*E que linda!— a da manhã!*

*Pastora*

*E lá para as bandas da aurora*

*É tudo côr de romã!*

*Príncipe*

*Já não canta o rouxinol,*

*Calou-se a voz do luar!...*

*Pastora*

Canta o galo e a cotovia  
Inda antes que nasça o Sol.  
Nunca o mundo se calar!  
Quer de noite ou quer de dia.  
De tristeza ou d'alegria,  
Não se cança de cantar!

*Começa a ouvir-se o chilrear das aves.*

Já começa a chilreada  
Dos ninhos.

*Batendo as palmas*

Eh, passarada!  
Toca já tudo a acordar!  
Não querem deixar a roupa  
Quentinha das suas casas...  
As aves são muito tolas!

*Ao longe canta um Cuco: Cú-cú! Cú-cú! e logo  
o cantar da Poupa: Pó-pó! Pó-pó!*

Mano Cuco, mana Poupa,  
Sacudi bem essas asas.

*Ouve-se perto, pelos pinhais, o gemer das rôlas.*

Eh, bons dias, manas rôlas!

*Príncipe*

Já de oiro se veste a serra,  
Toda de luz orvalhada;  
Pranto da noite passada  
Cobriu de estrêlas a terra...!  
Quanta lágrima chorada!

*Pastora*

Meu Senhor, tudo é preciso...

*Príncipe*

Em cada folha, um diamante,  
Em cada pedra, um brilhante...

*Pastora*

Cada lágrima... um sorriso!  
E o que vai por'i adiante  
D'alegria nesses montes...  
- Tudo novinho, a luzir!...

*Príncipe*

Soltam-se joias a rir  
Da água pura das fontes!

*Pastora*

Tantas florinhas a abrir!

*Príncipe*

Todo o céu e toda a terra  
Doçura exala e fragrância,  
Passa um sorriso de infância  
Na aragem fina da serra...

Oh a manhã perfumada,  
Verde e oiro e água pura!...  
Tenha a inocência e frescura  
Desta hora abençoada  
Toda a humana criatura.

A toda a alma cansada  
Leve seja a sua cruz,  
Cada triste erga p'r'à luz,  
Que alumia terra e céu,  
A triste fronte curvada...  
—Aleluia! O Sol nasceu!

*Pastora*

—Aleluia! Amém Jesus!

*Ficam os dois, iluminados, de braços  
erguidos para o Sol, que acaba de  
romper. Aumentam num delírio os  
cânticos das aves saudando a Manhã!  
Abrandam, esmorecem... Só se ouvem,  
longínquos, o Cuco e a Poupa: Cú-cú!...  
Pó-pó!...*

---

Obs.: Este texto foi lido como complemento às palavras sobre "S. João subiu ao Trono",  
de Carlos Amaro.

## Uma Alma Penada

Corria à boca pequena, entre todas as pessoas da aldeia, um segredo que, praticamente, toda a gente sabia. As mulheres vizinhas, em pequenos grupos, cochichavam na penumbra silenciosa das portas, afastando a pequenada, rmandando-a brincar para a rua. Nos fontenários e lavadouros, as amigas trocavam entre si sorrisos enigmáticos e algumas palavras propositadamente mal articuladas, não compreendidas pela totalidade presente.

Os homens não estavam fora do assunto. Abordavam os mesmos problemas nas conversas de taberna entre uns copos saboreadamente bem bebidos, entre fases de jogo da sueca; no barbeiro, enquanto esperavam a sua vez para o corte do cabelo e para rapar a cara com barba de quinze dias. Nos trabalhos de campo, de cariz colectivo, lembravam, com ares racionalistas e maliciosos, o que as mulheres da aldeia há muito andavam badalando secretamente por todo o lado, com a disposição inconsciente, absolutamente certa, de que quem conta um conto aumenta um ponto.

Por último, até as crianças e os jovens se foram apercebendo de que andava qualquer coisa no ar, que toda a gente sabia mas a que eles não tiveram ainda acesso. Paravam pasmados em frente de cada grupo, ouviam uma palavra ou outra que não entendiam bem, apanhavam uma aqui outra além e tentaram, também, organizando os seus próprios grupos para o jogo, colocar as suas preciosas pedras no tabuleiro das suas previsíveis realidades.

Como resultado, toda a gente sabia alguma coisa de um segredo quase inatingível mas que, efectivamente, não passava de uma história que alguém viveu e contou mas que não foi suficientemente esclarecida.

Concretamente, a gente da aldeia não sabia nada.

»» ««

Havia certos espaços na povoação que, se não causavam medo a todos, pelo menos, incutiam respeito aos mais atrevidos, não tanto durante a luz do dia, mas, em particular, durante as noites escuras ou luarentas. Eram as vielas estreitas e isoladas, os lugares sombrios e protegidos por uma vegetação apertada e opulenta, as azinhagas escuras onde a luz mal entrava, eram as grandes casas quase desabitadas, as capelas arruinadas pelos temporais do inverno, o cemitério com as flechas dos seus ciprestes

e povoado de campas com uma multidão de cruzeiros e, sobretudo, os cruzamentos de caminhos onde não existiam cruzeiros - tudo isso constituía um conjunto de cenários que a população, atavicamente supersticiosa, povoava de entes sobrenaturais que pertenciam ao imaginário colectivo e que a religião, com todas as explicações plausíveis, não foi capaz de abalar, antes alimentava, porque se dizia que, se as pessoas continuavam a viver para além da morte física, também poderiam cá voltar.

Cada um afirmava a existência de uma história a que assistiu, certificava a pés juntos o que viu e ouviu, mas que outros nunca viram nem ouviram. O diabo, as suas companheiras e os lobisomens andavam por ali, sempre em lugares especiais, a incomodar os transeuntes menos precavidos e talvez menos fortalecidos psiquicamente.

O Miguel, vindo de madrugada da confissão, porque tinha de se deslocar para o seu emprego público, deparou, ao cimo da ladeira da viela, com três ovelhas de uma brancura imaculada, que teve de afastar rezando o credo em cruz. O Abel chamado à pressa a casa da viúva do Manco, que todas as noites vinha incomodar a mulher, passeando pela casa, batendo compassadamente com a sua perna de pau nas tábuas do soalho, aconselhou-a a ir correr vida, porque ele não compreendia nada daquilo. O Albino, vindo alta noite da casa da amante, viu surgir sobre si, na estrada poeirenta, um tonel que se deslocava rolando a grande velocidade e que desapareceu, deixando-o perplexo, no fim da rua que dava para os campos. O João, a partir da meia noite, sentindo vir ao longe uma cavalgada, abeirou-se apressado do seu janelico para ver passar um cavalo preto, sozinho, de crinas ao vento, a galope, resfolegando de modo estranho. Houve também quem afirmasse que vira, de noite, uma procissão de fantasmas brancos das almas, com círios acesos, saindo do portão escancarado do cemitério e desaparecendo num ápice, no meio de ais muito lamentosos, proferidos por esse seres voláteis.

As mulheres de virtude, as chamadas bruxas, tinham frequentemente grande clientela, mas era sempre a igreja que possuía os materiais, antídotos necessários e fundamentais, para fazer desaparecer tais visões e sanar outros casos mais específicos que acontecem a qualquer pessoa e em qualquer família: o altar, sob cujas toalhas eram depositados, às escondidas, determinados talismãs; pedacinhos de folhas de livros religiosos, de vestes sacerdotais, de paramentos e, sobretudo, a água benta que era de grande aplicação.

O povo encontrava-se agarrado ao sobrenatural de um modo irracional, misturando os rituais religiosos com cerimónias populares tradicionalmente pagãs, sem

ser capaz de se desligar delas, porque delas vivia somente à luz do sentimento. De facto, o generalizado avanço da tecnologia moderna veio fazendo desaparecer, a pouco e pouco, todo este confuso e inexplicável emaranhado de visões que nunca existiu. Com efeito, a instalação da luz eléctrica, o aparecimento da rádio e posteriormente da televisão, completando o notável papel da comunicação escrita, o desbravar de modernas redes viárias para utilização de rápidos meios de transporte, tudo isso veio lançar mais luz em certos mistérios sonhados não se sabe bem por quem e reduzir, consideravelmente, os limites da superstição, já que o homem, como animal religioso, se não acredita em Deus, acredita sempre em qualquer coisa. Daí que, ainda hoje, se creia que haja corpos abertos à entrada espontânea de qualquer tipo de maldição, sem que as pessoas, voluntariamente, possam impedir tal possessão.

»» ««

Os rapazes e as raparigas da aldeia reuniam-se por grupos de idade e de simpatia, ocupando os seus tempos livres, depois da escola, em jogos periódicos que surgiam naturalmente, todos os anos, nas mesmas épocas; eles jogavam o pião, a bilharda, a barra, o burro-de-Aveiro, o cresça-o-monte, o noveco, etc, enquanto elas, em lugares mais resguardados, se entretinham com o bichoíro, a macaca, o macacão, o caracol, o capado, o lencinho, etc; também apareciam, em época própria, jogos em que entravam os dois sexos, como o senhor-barqueiro, a bassorinha-bassoirela, o esconde-esconde, etc.

Todos eles eram jogos em que se apuravam, sem se ter conta disso, muitas noções de equilíbrio físico e mental, se afinava a lateralidade, tão necessárias às aquisições decorrentes do ensino-aprendizagem, mas que a escola e os seus mestres não sabiam ainda aproveitar e desenvolver.

Na primavera, os rapazes iam aos ninhos; essa actividade, que podia ser sugerida por qualquer um, constituía sempre uma atracção irresistível para todos os outros.

»» ««

Ora, o João, que era filho do homem responsável pelo cemitério; o Manel, que era filho de um taberneiro; o Tó, que era filho de um proprietário agrícola, e o Zé, filho de um trabalhador à jorna, resolveram, certo dia, escalar o alto muro do cemitério, para irem aos ninhos feitos no forro de algumas capelas de famílias abastadas, que serviam para guardar os seus mortos dentro dos respectivos caixões de madeira externamente trabalhada.

O João lá os levou pelos acessos que já conhecia, mostrando-se afoito, encorajando os companheiros; os outros, menos habituados àqueles ambientes, seguiam-no desconfiados, transidos de medo, calados mas atentos a qualquer imprevisto que pudesse ocorrer.

João meteu a cabeça no buraco do desvão das telhas, onde uma poalha de luz difusa na penumbra permitiu descobrir, a um canto, três cabeças horrorosas e disformes de três corujinhas, cujas penas da cabeça davam o aspecto de uma crista esfarrapada, as quais, ao sentirem barulho, como se fosse a aproximação dos pais, abriram um bico enorme dentro do qual reluziam goelas avermelhadas. Quando, por sua vez, o Tó fez entrar a sua cabeça, ao olhar para o lado contrário, sentiu-se ofuscado pelo brilho de dois olhos enormes, redondos e amarelos, num corpo macio que se mexeu como se fosse um animal bravo. Deu um grito de pavor que assustou todos os outros garotos. A coruja, mãe ou pai, sentindo-se descoberta no seu esconderijo, bufou e lançou um pio lancinante como se fosse uma gargalhada demoníaca. Os pequenos, apavorados pelo desconcerto inesperado, agitaram-se no escuro; os seus cabelos puseram-se de pé como espinhos de um ouriço e a pele dos seus braços tomou o aspecto de pele de galinha. O animal agitou-se também, lançou como que um berro e voou para um outro buraco, que era a sua entrada, com um bater de asas que parecia palmas, nada próprio do seu voar silencioso de ave de rapina nocturna.

Os outros rapazes, atarantados com o insólito, precipitaram-se para a saída; o Tó, também em retirada, caiu no chão, no meio de caixões de tábuas apodrecidas, com as calças e a camisa esfarrapadas e com os pés em sangue, enquanto o João, lá de cima, lhes mostrava, com um sorriso escancarado, uma pequena coruja em cada mão, ambas horrivelmente feias.

O Manel tentando acalmar-se para serenar os outros mais medrosos, mandou pôr os pobres animais no ninho, pediu repetidamente ao João que descesse, enquanto, com ar conselheiro, à porta da capela, dizia para os colegas:

- Vamos embora, que isto é casa de mortos.

Já fora, todos reunidos, olhando a abóbada azul do céu, respiraram profundamente enchendo os pulmões de ar puro. E, sem falarem, dispostos uns atrás dos outros, aproveitando a sombra da muralha sul, correram para o canto por onde se tinham esgueirado. O João, que se julgava responsável por aquela proeza, disse para os outros:

- Não queria que ninguém nos visse sair daqui.

E todos limparam, com as mãos sujas, o suor em bica dos seus rostos.

»» ««

A Velha Casa tinha a aparência de um antigo convento donde os monges tinham desaparecido há muito tempo. Os seus vastos logradouros, com ruelas estreitas para passeios, com passagens mais largas para os alpendres, só fervilhavam de gente durante as grandes famas agrícolas, com pesados carros de bois a entrar e a sair.

Nas épocas mais calmas, reinava um silêncio inquietante, só cortado por algumas vozes de animas: um balido de ovelha, um mugido de vaca, um grunhido de porco, o cacarejar das galinhas na capoeira. O dono atravessava muitas vezes aquele silêncio, arrastando os seus tamancos de pau desgastado, para ir à adega beber o seu copito.

A capela da casa, de invocação à Virgem, dava o aspecto de pequeno templo abandonado à acção devastadora das intempéries e das ratazanas; chovia nos cantos, a madeira dos tectos, de castanho, selou e os forros de bom pinho apodreciam e criavam tortulhos brancos e acastanhados. Muitos livros em latim, roídos e encharcados, esfarelavam-se nas estantes. A água caída no coro abria um buraco que se via junto à porta da entrada. Aqui e além, o estuque do tecto estatelara-se no chão, minado pelas águas, deixando as ripas de tabique quebradas e descobertas.

De vez em quando, a ti' Ana, com o seu corpo a fazer quase um ângulo recto, entrava sorrateira pela porta da sacristia para ir rezar à Virgem as suas preocupações e deixar no altar uma ou outra flor das mais lindas que tratava com esmero.

Naquele dia, na penumbra do interior, quando passava a porta, sentiu como que uma lufada de vento brando e ouviu um bater de palmas seguido de uma gargalhada escarriada. Estremeceu mas acomodou-se de joelhos, olhou para a bela imagem e rezou pelas almas dos seus antepassados que mandaram construir o templo, particularmente pela do seu marido que tinha partido cedo demais e a tinha deixado ainda nova e cheia de viço.

Alcaldados os seus iniciais temores com a serenidade da oração, benzeu-se, levantou-se a custo e regressou aos aposentos domésticos para dar conta ao filho e à nora do acontecimento inaudito. A sua imaginação exacerbou-se, a emoção de uma realidade aparente tomou-se mais verosímil evoluindo para uma pseudo-verdade que a sua consciência de mulher supersticiosa, ainda que crente, apresentava como um facto real e consumado.

- Meu filho, ao entrar na capela para rezar pelas almas dos nossos, fui recebida com uma leve aragem, com uma risada e com um bater de palmas. Suponho que a alma de algum dos nossos mortos precisa de ajuda; é necessário fazer qualquer coisa. Será alguma alma penada que anda a sofrer e precisa de comunicar connosco.

O filho, radical quanto à não aceitação do problema supersticioso e dúbio quanto aos problemas da fé, teve um sorriso de compreensão e disse:

- Sim, minha mãe, nós vamos ver o que há e tudo quanto aconteceu na capela. Vai ver que não há-de ser nada.

Trocou impressões com a mulher; ajeitou o seu vestuário; a mulher embiocou-se numa mantilha preta; tomou o Tó pela mão e lá foram na direcção do templo, entrando pela porta da sacristia. Um silêncio profundo reinava no interior, somente entrecortado pelos ruídos dos bichos da madeira, em plena actividade demolidora.

Acendeu duas velas na sacristia, pegou num castiçal e entrou no corpo do altar-mor para acender a lamparina de azeite que, normalmente, se conservava pendurada ao centro, por meio de uma corda corrediça de cânhamo ensebado. Por caso estranho, a lâmpada de vidro encontrava-se caída no chão, estilhaçada, o azeite derramado e, em toda a volta, manchas brancas de excrementos de uma ave.

Entretanto o filho, o pequeno Tó, olhou para a grande janela gradeada, na fachada, ao fundo do coro. Notou, com grande espanto seu, que, sobre a forte grade de madeira do coro, estava empoleirado um daqueles pássaros com cara semelhante a um gato, que olhava os intrusos como que espantado. Vendo o seu espaço invadido, levantou voo, bateu as asas, atirou-se em primeiro lugar contra as vidraças da janela, saindo depois por uma fresta da pequena porta sineira.

O pai apercebeu-se de relance de tudo o que tinha acontecido, teve um sorriso de compreensão e contentamento e lançou uma pergunta no meio da penumbra:

- Quem está aí? Vês, Maria? Vês, Tó? Não há aqui nada de especial...

Em seguida, tomou a mulher e o filho pela mão e saíram para terem uma conversa esclarecedora. Chamou a mãe, reuniram-se todos e ele procurou explicar:

- Recordem-se que, por trás do altar, há, na parede, uma pequena fresta, pela qual podem passar animais de tamanho relativo. Ora é por esse buraco, aí deixado de

propósito como respiradouro, que entram morcegos, ratazanas e corujas. A coruja terá, dentro da capela, além desses animais, outros que podem servir para seu sustento como as borboletas e diversos insectos nocturnos que voltejam ao redor da chama do azeite. Ao voar junto da lamparina, para apanhar os insectos, ou a poisar nos braços de metal que a suportam, provocou a queda do recipiente do azeite que se partiu; as manchas dos excrementos provam que algumas vezes ela aí esteve pousada. O seu levantar voo assustadiço parece um batimento de palmas humanas, ainda que o seu voo normal seja silencioso. O seu canto assemelha-se a uma risada alvar...

O Tó, preso ao discurso do pai que não estava a entender muito bem, interrompeu:

- Mas, pai, toda a gente diz que as corujas bebem azeite...

- É verdade que toda a gente diz isso, meu filho – retrucou o pai – mas as pessoas não sabem, isso é uma calúnia que lançam sobre as pobres corujas, que só vertem o azeite quando procuram a sua comida. Isso é falso, é uma acusação que não tem sentido.

A ti' Ana, de olhos presos nas palavras que saíam dos lábios do filho, exclamou:

- Tu sabes muitas coisas... mas então...

- Então, não há nenhuma alma penada por aqui a incomodar-nos. Os corpos dos nossos mortos repousam, serenos, no fundo das suas covas do cemitério; as suas almas estarão com Deus... A alma penada que a mãe sentiu... era a coruja, coitada, a tratar da sua vida.

- Bendito seja Deus – respondeu a velha – que tudo está calmo entre os nossos mortos.

A esposa, admirando as palavras sábias do marido, inclinou a sua cabeça loira e apoiou-a no seu ombro. Tó, entusiasmado com a narrativa e conciliando as ideias com o que tinha acontecido no cemitério naquele dia em que foram aos ninhos, correu alegre para junto do seu grupo para contar:

- Sabem? Anda uma alma penada na capela, que é uma coruja.

Eles riram-se, nada disseram e continuaram o seu jogo com menos entusiasmo, talvez a pensar no segredo.

Isto foi suficiente para se espalhar na aldeia, à boca pequena, que andava uma alma penada na capela da velha casa e que exigia coisas terríveis às actuais pessoas da família.

Era, pois, desta verdade distorcida de que toda a gente falava como se fosse um segredo que trazia consigo males irreparáveis: as mulheres, cochichando embiocadas; os homens, ironizando, meio incrédulos; as crianças, sem perceberem bem o que se dizia, confundiam a realidade da coruja com uma fantasia do maravilhoso popular que lhes causava arrepios de medo, quando se lembravam disso, principalmente à noite.

bibRIA

## Índice

|                                                            |    |
|------------------------------------------------------------|----|
| Publicações do Autor                                       | 04 |
| Nota Justificativa                                         | 05 |
| Introdução                                                 | 07 |
| Em louvor da natureza                                      | 08 |
| Um olhar sentimental para a natureza e para as nossas aves | 12 |
| Os animais também comunicam entre si                       | 15 |
| A propósito de uma lenda                                   | 17 |
| Resumo da Lenda seguido de um Esquema                      | 19 |
| Preparação para o Natal                                    | 20 |

### Poemas sobre as aves:

|                          |    |
|--------------------------|----|
| O abibe                  | 27 |
| A Alvéola                | 28 |
| A andorinha-das chaminés | 29 |
| A andorinha rústica      | 30 |
| A boeira                 | 31 |
| A calhandra              | 32 |
| A carriga                | 33 |
| O cartaxo                | 34 |
| A cegonha branca         | 35 |
| O cerezino               | 36 |
| O chapim                 | 37 |
| A cia                    | 38 |
| A codorniz               | 39 |
| A coruja-das-torres      | 40 |
| O corvo                  | 41 |
| A cotovia-de-popa        | 42 |
| O cuco                   | 43 |
| O estorninho malhado     | 44 |
| A felosa-das-jardins     | 45 |
| O gaio                   | 46 |
| A galinhola              | 47 |
| A garça branca pequena   | 48 |
| A landrisca              | 49 |
| A laverca                | 50 |
| O melro                  | 51 |
| O milhafre               | 52 |
| O mocho                  | 53 |

|                          |    |
|--------------------------|----|
| A narceja                | 54 |
| ○ noitibó                | 55 |
| ○ papa-figos             | 56 |
| ○ papa-moscas-preto      | 57 |
| ○ pardal                 | 58 |
| A pega                   | 59 |
| A perdiz                 | 60 |
| ○ pica-pau-verde         | 61 |
| ○ pica-peixe             | 62 |
| ○ pintarroxo             | 63 |
| ○ pintassilgo            | 64 |
| ○ pisco-de-papo-aul      | 65 |
| ○ pisco-de-papo-vermelho | 66 |
| ○ pisco-de-rabo-ruivo    | 67 |
| A popa                   | 68 |
| A rola brava             | 69 |
| ○ rouxinol               | 70 |
| A sombria                | 71 |
| ○ taralhão               | 72 |
| ○ tentilhão              | 73 |
| ○ tordo comum            | 74 |
| A toutinegra             | 75 |
| ○ verdelhão              | 76 |

# bibRIA

## Escritos complementares sobre as aves:

|                                                                                                                |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 1. "A coruja e o banquete"                                                                                     | 79  |
| 2. O pintassilgo – "Carduelis" (poema)                                                                         | 80  |
| 3. "O tentilhão e o tintão e o seu desaparecimento"                                                            | 81  |
| 4. "As Aves. A caça e a protecção à natureza"<br>(Recensão crítica ao trabalho do Dr. J. R. dos Santos Júnior) | 82  |
| 5. "Nomes populares do chapim e da codorniz":                                                                  | 86  |
| a) Resumo para o Congresso de Bilbao                                                                           | 87  |
| b) O texto da comunicação                                                                                      | 88  |
| c) Recensão crítica de José Pérez Vidal                                                                        | 107 |
| d) Carta do Dr. Manuel Faria do Liceu de Braga                                                                 | 108 |
| e) Carta do Dr. Fritz Krüger, da Universidade de Cuyo (Argentina)                                              | 109 |
| f) Artigo do Dr. José de Melo, do Liceu de Aveiro                                                              | 110 |
| 6. Breve anotação sobre as onomatopeias das aves dos nossos quintais                                           | 111 |
| 7. "As aves, a Natureza e as suas relações com a Literatura (palestra)                                         | 113 |
| 8. "Uma alma penada" (conto)                                                                                   | 131 |